

A MACHADADA
Poema Fantástico



A PORANGABA
Lenda Americana

Governo do Estado do Ceará

Governador

Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador

Francisco José Pinheiro

Secretário da Cultura

Francisco Auto Filho

Secretária Executiva da Cultura

Alda de Oliveira

Coordenadoria de Políticas do Livro e de Acervos

Karine David

Raymundo Netto (Coordenação Editorial)

Coordenadoria de Patrimônio Artístico e Cultural

Otávio Menezes

Diretoria da Casa de Juvenal Galeno

Antônio Santiago Galeno Júnior

Coleção Nossa Cultura

Conselho Editorial

Ângela Maria R. Mota de Gutiérrez

Cristina Rodrigues Holanda

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Jorge Pieiro

Maria Eleuda de Carvalho

Rafael Sânzio de Azevedo

Sarah Diva da Silva Ipiranga

Juvenal Galeno
— OBRA COMPLETA —

A MACHADADA
Poema Fantástico



A PORANGABA
Lenda Americana

3ª edição

Organização
Raymundo Netto

Apresentação de A Porangaba
Batista de Lima

Apêndice
Eduardo Campos



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Fortaleza - Ceará
2010

Juvenal Galeno: obra completa**A Machadada: poema fantástico**

3ª edição

A Porangaba: lenda americana

3ª edição

Copyright © 2010 Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Todos os direitos desta edição reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19.02.1988 à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da SECULT/CE.

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n, 3º andar, Fortaleza, Ceará

CEP: 60.839-900

www.secult.ce.gov.br

Casa de Juvenal Galeno

Rua General Sampaio, 1128, Centro, Fortaleza, Ceará

Coordenação editorial

Raymundo Netto

Revisão de texto de A Machadada

Jefferson Alves de Aquino e Raymundo Netto

Revisão de texto de A Porangaba

Raymundo Netto

Digitação do original

Remo e Raymundo Netto

Capa

Mariano Souza e Raymundo Netto

Programação visual e diagramação

Francisco Batista

Ilustrações

Na capa: “Juvenal Galeno”, óleo sobre tela de Jane Blumberg

Na aba biográfica: “Juvenal Galeno”, óleo sobre tela de Otacílio de Azevedo

A seguir: Folha de rosto original da primeira edição de *A Porangaba: lenda americana* (1861), acervo particular de José Augusto Bezerra; a capa, ilustrada por Rubens de Azevedo, da segunda edição, então intitulada *Porangaba: poema indianista* (1991), acervo da Casa de Juvenal Galeno, e capa da 1ª edição de *A Machadada* (1860), ilustração de *Ao Redor de Juvenal Galeno* de Wilson Bóia. Foto de orelha: “Goethe” e “Schiller”, que acompanharam o Poeta até seus últimos dias e podem ser encontrados na Casa de Juvenal Galeno (foto: Raymundo Netto)

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil***Catálogo na Fonte***Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães- CRB 3 801*

| | |
|---------|--|
| G 153 m | Galeno, Juvenal (Obra Completa) A Machadada: poema fantástico e A Porangaba: lenda Americana. 3ª edição./ Raymundo Netto [organizador]; Apresentação de A Porangaba por Batista de Lima; Apêndice de Eduardo Campos.- Fortaleza: Secult, 2010. 136 p.: Ilust. (Coleção Nossa Cultura) ISBN: 978-85-7563-621-3 1. Galeno, Juvenal- 1836-1931 2. Literatura Popular 3. Poema Indianista I. Raymundo Netto II. Lima, Batista de III. Campos, Eduardo IV. Título |
|---------|--|

CDD: 869.1



Juvenal Galvez

A

PORANGABA.

LENDAS AMERICANAS

POR

JUVENAL GALLENDO DA C. SILVA.

*Juvenal Galлено da
Silva*



*Arribal & Mattos, Recife
1885*

CEARA

Typographia Cearense—Impresso por
Joaquim José d'Oliveira.

1861.

A MACHADADA.

POEMA FILANTASTICO

POR * * * *



— E L A R Á : —

Impressa na Typographia « Americana » de Theotônio Esteves
de Almeida. — Rua do Fogo n.º

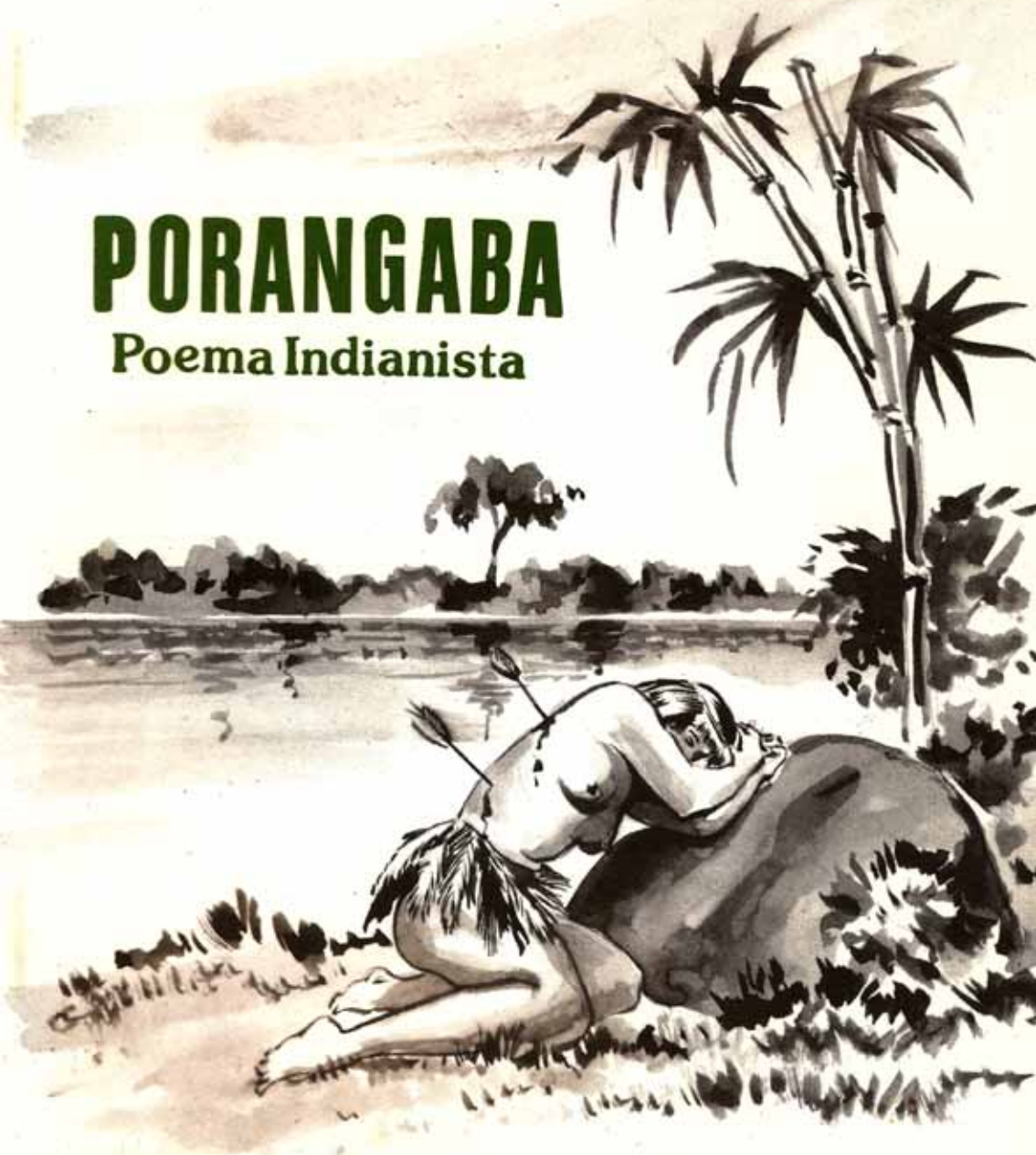


1860.

Juvenal Galeno

PORANGABA

Poema Indianista







ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| Retorno às Origens | 15 |
| A Machadada | 19 |
| Ao leitor..... | 21 |
| Preliminar..... | 23 |
| Canto I | 25 |
| Canto II | 35 |
| Canto III..... | 44 |
| | |
| A Porangaba..... | 51 |
| <i>A Porangaba</i> : Prólogo que acompanhou o poemeto em sua 1ª edição, 1861, por Juvenal Galeno..... | 53 |
| Apresentação à 2ª edição de <i>A Porangaba</i> , por Alberto Santiago Galeno..... | 61 |
| <i>A Porangaba</i> de Galeno, por Batista de Lima | 63 |
| Vocabulário Americano | 109 |
| | |
| Apêndice: Juvenal Galeno e seu Verso de Pluma e Sabre, por Eduardo Campos..... | 117 |

RETORNO ÀS ORIGENS

A publicação, pela Secretaria da Cultura do Estado, de **Juvenal Galeno: obra completa** pretende iniciar uma nova fase na vida da famosa Casa que leva seu nome. Criada para preservar a memória do poeta, a Casa de Juvenal Galeno terminou por assumir, ao longo do tempo, outras funções que a levaram a pôr em plano secundário a política literária nacional-popular do autor de *Lendas e Canções Populares*.

Se essa política literária cumpriu, na origem, um papel decisivo na formulação de uma autêntica literatura nacional, como, na segunda metade do século XIX, buscou demonstrar o crítico Araripe Júnior em duas famosas cartas (a primeira, sobre a “literatura brasílica”, de 1869, e a segunda, sobre “A poesia sertaneja”, de 1875), agora, sob o impacto da “globalização” imperialista, ela readquire flagrante atualidade diante do avassalador “jugo de estrangeiras emoções”.

E foi o próprio Juvenal Galeno um dos primeiros a formular os fundamentos dessa então nova política literária. Na nota de introdução que escreveu para o livro *Lendas e Canções Populares* (1865), assim os exprimiu:

Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império – pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, – em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos.

Se consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias – aprendi seus costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.

Não se limitou, porém, o nosso poeta a tratar a questão no terreno puramente antropológico. Sua concepção de política literária contempla a dimensão do engajamento sociopolítico, numa atitude que o singulariza entre os que, à época, propugnavam pela construção de uma literatura “brasílica”:

Chorei a sorte do povo, que nas ruas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhe expliquei; vendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, — e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, — preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbitrio.

É a esses valores que se pretende fazer a Casa de Juvenal Galeno retornar agora, após a reforma e ampliação que o Governo do Estado promove. O novo programa da SECULT de apoio à cultura popular cearense, cumprindo as diretrizes de governo do então candidato Cid Gomes, concretiza tais valores com a criação de uma rede de instituições que inclui, além da **Casa de**

Juvenal Galeno, o **Memorial Patativa do Assaré**, restaurado e ampliado; o **Memorial do Poeta Agricultor Patativa do Assaré**, instalado na Serra de Santana; o **Memorial Cego Aderaldo**, em Quixadá; a **Lira Nordestina**, em Juazeiro do Norte, em parceria com a Prefeitura do Município e a Universidade Regional do Cariri; o **Centro Histórico-Cultural do Caldeirão**, em parceria com a Prefeitura do Crato; os **Memoriais das Culturas Indígenas**, o primeiro dos quais a ser instalado na Casa de José de Alencar, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará; o **Memorial dos Quilombolas**; os **Museus de Arte e Cultura Populares**, no Centro de Turismo de Fortaleza; **Arte Sacra Popular**, no Cariri, e do **Ex-Voto**, em Canindé; e, finalmente, a **Universidade Popular dos Mestres da Cultura Tradicional**. Outras instituições igualmente necessárias para a preservação e difusão das culturas populares do Ceará estão em estudo pelo corpo técnico da SECULT e entidades da sociedade civil local.

A necessidade da intervenção do poder público como suporte institucional dessa esfera de nossa cultura é não só obrigação constitucional do Estado, mas encontra respaldo na opinião de renomados estudiosos, como Tristão de Athayde, que, já em 1928, destacava: “Se o povo, mas que as gerações cultas, participa da natureza e das condições ambientes, nenhuma terra mais propícia à poesia popular que o Ceará”.

Auto Filho

Secretário da Cultura
do Estado do Ceará



A MACHADADA



AO LEITOR

Eis o parto de uma noite de insônia. Aleijada, torta ou coxa, vai a criança como foi parida.

Falta-me o tempo para educá-la, ou para melhor dizer, não tenho a coragem bastante para aturá-la por mais dias na minha pasta, onde, endiabrada, como ela é, certamente rusgaria com seus irmãozinhos mais ou menos iguais em gênio.

Entrego-a ao mundo, ele que a ensine; ele que emende esta obra gerada somente pela fantasia, pois nela nada há de verdade, nada há de real: tudo são quimeras, quimeras e mais quimeras!

Agora uma súplica.

Rogo ao leitor que, ao ler esta obra, escrita com o inocente fim de imortalizar-me, não talhe carapuças, e nem as encapele em alguém; não isto seria malfeito, e talvez um pecado tão grande, que nem o Santo Padre perdoaria.

Não é assim, Ilustríssimo Senhor Oficial da G.N.? Chamo ao meu leitor, Oficial da G. N. porque suponho que, entre nós, quase todos têm patente, e alguns são de patente. E aqueles que não possuem um titulozinho desses, deviam possuí-lo; máxime se tiverem bigode e meia pataca para cigarros. Não se ria o meu leitor, com esta minha humilde proposição; assim penso,

porque a sociedade concede pensar livremente ao cidadão. Não sei onde li isto; talvez na Constituição do Império, Art. e Pag. - x.

Diga-me, porém, o leitor: não é Oficial da G.N.?... Não é? Deixe-se disso; confesse; as coisas não são lá como se diz...

Se errei, dou as mãos ao bolo; peço desculpa, e passo adiante.

Adeus. Muito breve pretendo passear outra vez pela Lua. Gosto muito desse planetazinho. Se o leitor quiser escrever para lá, envie-me a correspondência para a Rua da Boavista, casa sem número, confronte ao Hotel Pedro Inácio.

No mais, saúde, patacas e patentes.

O Autor

PRELIMINAR

Eu canto a tremebunda **machadada**
Que o chefe tolo e néscio da Brigada,
Da parada da lua, em velhas eras,
Deu nas cismas dum bardo, nas quimeras
Do soldado cantor. Eu também canto
O *bicho* comandante da parada
Da lunática multidão abonecada,
Que marchava tropeçando toda junta
Em festejo da *cousa* já defunta,
Que chamam lá na Lua — lei primeira,
Que do berço passou para a poeira!...
E para decantar o heroi na lira,
Com cordas de cipó, bordão de embira
E o mais eu descrever dessa *futrica*,
Onde houve bebedeira e muita *trica*,
Vos invoco, ó canalha do Parnaso,
E a ti, de preferência, ó bom Pégaso,
Animal estradeiro que emporcalhas
O sólio dos cantores com migalhas
De centenas de bolas de excremento,
E às vezes com estoiro fedorento!
Vos invoco também, ó Paciência,

E a ti, ó cego Abraão, astro em ciência,
Ao Jerônimo mentor, assaz prudente,
Dum certo Jocazinha impertinente.
Inspirai, ó patifes, em segredo,
O bardo, que dos biltres não tem medo,
Esta obrinha de *arromba* e nunca vista,
Que por certo levará da lua à crista
O chefe fanfarrão de raça ignava,
Que na grande parada não achava
Lugarejos decentes para as vendas,
Que viam-se entre fardas fedorentas
E mil cousas, ó deuses, de mau cheiro,
Próprias para ele e pra sendeiro!...
Ó, gente do Parnaso, me atendeste,
Que o astro na cachola me acendeste,
Ora o sinto, ora o sinto!... Aí vai o canto
Pejado de coragem, e não de espanto,
Silêncio, Camaradas!... Inspirado,
Principio o poema assoberbado!...

CANTO I

Já o pai de Faetonte despertando
E as remelas dos olhos alimpando,
A cabeça mostrava lá nos mares,
Contemplando da lua almos lugares;
Já o som do tambor destemperado
Se ouvia, como brado altivo, ousado;
Já soavam as cornetas do *terceiro*,
Convidando os gingongos ao terreiro;
Já longe ensaiava o *baixo* Régio
E raiava finalmente o dia egrégio,
O dia da — Parada — cuja glória
Perpétua ficará na peca história,
Quando lá do Olimpo a matinada
Acordando escutei!... In da turbada,
Minha vista divisar tudo procura,
‘Té que descobre alfim, entre a espessura
Do celeste lençol, sessão brilhante
Dos deuses imortais, que nesse instante
Em augusta assembleia, discutiam;
Como passo a narrar, assim diziam:
— Senhores, escutai minhas razões,
Diz Júpiter, sem meia e sem calções,

De cachimbo no queixo e sem sapatos,
Presidindo a assembleia dos gaiatos;
— Senhores, atenção!... Recebo agora
Um ofício da Lua, onde nesta hora,
Se prepara um sambinha, ou quer que seja,
Que talvez mais amargue que cerveja!...
— O que é?... O que é?... diz a canalha;
Prossegue o orador, não se atrapalha!
— Ouvi-me, pois, Senhores, vos exponho
O caso que me torna hoje bisonho,
Na Lua, onde temos grão prestígio,
Onde sempre ganhamos o litígio,
Houve um tempo de louca patuscada...
— Ó, vamos à questão, longe a maçada,
Diz Apolo, Cupido e Marte ousado:
— Senhores, é preciso que o passado
Eu traga para a dança, pois desejo
Dar-vos ora a emoção de um doce beijo!...
Porém, como eu dizia, em certa era,
Naquele astro formoso, bem temera!
O povo amotinado se ajuntava
Numa praça, e qual vaca, aí berrava,
Pedindo uma lei, um bom sistema,
Embora o do *cocó da velha ema!*...
O rei conquistador, puxando o ferro,
Do povo caçoando, solta um berro,
Dizendo: — Toma a lei! Em cambalhotas,
Cai a lei, de um sujeito em lisas botas.
Todos correm p'ra ela, e nos seus braços

A recebem, apertando-a nos regaços,
Murmurando: — Meu bem, minha catita,
Meu galão, meu enfeite, minha fita,
Eu te juro afeição, fidelidade!...
Tu guardada serás com castidade
Em nossos corações! Ela responde:
— Diletos dentro em mim ora se esconde,
Como cobra em buraco ou qual petisco,
Em sua branca crosta, por vós todos
Imenso, imenso amor! Talvez os Godos
Não quisessem a Pelágio qual vos quero!
E provando esse afeto tão sincero
Prometo, caboclinhos, instruir-vos,
Premiar-vos também, também punir-vos
Com justiça divina! E vos prometo
Que na vossa ima vida não me meto;
Das tropas salvarei o bom casado,
O filho da viúva, o bem fardado
Guarda Nacional. Honro o asilo
Do inerme cidadão probo e tranquilo;
E prometo também...

— Isto é demais!

Diz a augusta assembleia ao capataz;
Ó, cinja-se à questão, vamos ao resto
Ou se não, diz Apolo, aqui protesto!
— Atendei-me, Senhores, a menina,
Mostrando-se assim terna e divina,
Aos olhos populares lança areia,
A todos enfeitiça, acende a veia

Dos bardos sonhadores, de maneira
Que versos, fadinho e brincadeira,
O baião, o coquinho, a contradança,
Os presepes, do boi e congo a dança,
A contenda terminam! Aos pés dela,
Da tal primeira lei, da tal donzela,
Jura o povo constância e terno agrado!
E o rei, que tudo via admirado,
Era farto de rir... doi-lhe a barriga...
E tinha bem razão, pois foi espiga!
— Realmente é maçante!, diz Apolo,
De Vênus se deitando em liso colo.
E prossegue o orador: — Eis o motivo,
Ó, Congresso, de ser hoje festivo
O dia lá na Lua — aniversário
Da crença de proveito imaginário!
Todavia há festança... embora, embora,
Tenha sido ela falsa, pois namora
O feio despotismo, algoz mandão,
Desprezando o talento pobretão!
— Cebolório, com os diabos! Com ternura,
Com o bigode todo cheio de gordura,
Diz Marte, carrancudo:
— E, pois, agora
Nos mandaram este ofício que penhora
Pelo meigo tratar; nele nos dizem
Que apesar, ó, meu Deus, dos que maldizem
Tal lei, tal dia... querem festejá-lo
Hoje mesmo; por isso, num entalo,

Perguntam: — quem de tantos guerrilheiros
O chefe deve ser dos fuzileiros
E também do terceiro ou da brigada
Que tem de apresentar-se na parada?
Depressa decidi.

Afadigado,
Assenta-se o orador, todo suado,
E suplica a Plutão, velho iracundo,
Uma *masca* de fumo, preto, imundo,
Metendo-a depois na boca, escarra,
Vestindo um timão, como samarra.

O silêncio reinou por dois minutos,
Envolto nas fumaças dos charutos;
Os deuses meditavam distraídos,
Quais meninos na *manja*, reunidos,
Um sentado em cadeira ou em tripeça
Ou sobre o calcanhar ou numa peça.
Netuno, de camisa com ceroula,
Saboreava o odor duma cebola;
Vulcano, que deixara a sua forja,
Olhava atencioso para a corja,
Com ares de ferreiro ou de borracho,
Enquanto o mais bravo, o melhor macho,
O Marte valentão e barrigudo,
Sentado sobre o chão e carrancudo,
Um cigarro fumava de tabaco,
Os olhos seus piscando ao velho Baco,
Que acabava de curtir a bebedeira,
Que tomara em sambinha de ribeira.

E banzavam assim; eis se levanta,
Temperando com rumor sua garganta,
Baco, o beberrão, o bom gaiato,
O devoto da pinga e do bom prato,
E pedindo a palavra assim começa:
— Senhores, atenção, pois que interessa
O que passo a dizer! A tal brigada,
Que deve apresentar-se na parada
Da gente lá da Lua — é necessário
Que tenha por seu chefe um dromedário!

Interrompe o orador a gargalhada
Da celeste caterva acorada:
— Muito bem, muito bem, prossiga, fale,
O seu plano depressa aqui propale!
— Eu prossigo, Senhores, eu prossigo,
Diz Baco a coçar o seu umbigo.
Não me consta que tenha a peca história
De engraçada parada uma memória!
Ora, pois, p’ra nos rirmos nesse dia,
A ponto de ficar com muita azia,
Eu peço que se ordene para a Lua
Que seja da brigada o da comua
Chefe ou coronel — feio camelo,
Estúpido animal de grosso pelo,
Que dizem lá haver apelidado
Joãozinho bestalhão, pedante e tolo,
O cara-de-*fuinha*, sem miolo!
— Muito bem, muito bem! És eloquente,
Ó Baco beberrão, ó sapiente!

Aqui da poesia o deus formoso,
Apolo, o trovador harmonioso,
Depondo a sua lira se levanta
E soltando a sua voz que tudo encanta,
Assim fala: — Senhores, não acordo
Com esta opinião, pois me recordo
Que nas filas do terceiro existe um vate,
Um poeta que jamais gostou de mate
E somente de café; esse poeta
Não deve, sob o mando de um pateta,
O *fandango* empunhar! Eu não consinto
Que se assemelhe o cantor ao fraco pinto,
Que se abaixe, que se avilte de tal sorte,
Que tal chefe receba e que se importe
Com rigores do tolo e analfabeto!
Ó, não, mil vezes não! O bardo esbelto
Despreza a estupidez, ama a ciência
E escarnece da mundana penitência!
— Ora, ora, há de marchar — murmura Marte,
E por isso cala, Apolo, e vai sentar-te!
— Eu repito, não marcha! E se o capricho,
Que na peca multidão é carrapicho,
Pretendesse obrigar o meu vassalo
Às ordens sujeitar-se de um cavalo
Ou mesmo de um camelo ou dromedário,
Eu diria: — Ó, cantor imaginário,
Não te importes, não marches, tudo arrosta,
A coragem que tens agora mostra,
Embora sejas preso na cadeia,
Sem água e sem pão e sem candeia!

Embora as *divisas* te esmigalhem
Os coices do sendeiro e chefe altivo!
Pois, Senhores, apenas aflitivo
É o cárcere p'ra quem tem um delito,
E nunca para quem nem ao palito
Na vida maltratou!

— Isto são prosas,
Perante a lei humana cavilosas,
Murmura o velho Marte — O tal poeta,
Por força há de marchar, e com corneta,
Lépido e vivo sob o mando do camelo!
— Duvido, até com os pés! Jamais vê-lo,
Se a tanto se abaixasse, eu quereria
No império do Parnaso, e mandaria
Das minhas nove musas uma esperta
Sua lira quebrar-lhe, a minha oferta,
Sobre o coco ou cachola!...

— Pois que mande!
Diz-lhe Marte — Muito embora hoje desande
A Lua, esse planeta de espavento,
Hei de ver o cantor no regimento!
— Faço pouco, diz Apolo, faço pouco,
O bardo eu conheço, é de *papouco*!
Ó, prefere levar a *machadada*
Do vosso tolo chefe da brigada
Do que... do que marchar!

— Ah, se contenha —
Diz Baco beberrão; com voz rouquenha:
— Finde-se a discussão, ponha-se a voto,
Pois de tédio, Senhores, eu arroto!

Votos... votos! e basta de maçada,
Pois a hora se avizinha da Parada!

O silêncio reinou e o presidente
Do celeste congresso sapiente
Põe a votos a *coisa...* e após a conta
Dos votos dessa gente alegre e tonta,
Assim grita: — Senhores, atenção!
O camelo venceu... nesta eleição!
E por isso ao Joãozinho, ao *pelotica*
O comando pertence da *futrica*!
Assim, pois, ó Mercúrio, vai à Lua,
Correndo a saltar, de espada nua,
E lá conta do Congresso o resultado,
Ao camelo, ao governo e ao soldado!

E findou-se a sessão! A gargalhada
Ressoa em todo o Olimpo, ó matinada!
Todos falam sorrindo, de maneira
Que parece haver muita bebedeira.
— Quero ver — diz Cupido — o tal camelo,
Que no preto carão tem um novelo,
Comandante à parada de machado,
Pois espada não tem o desalmado!
Ele, o solteirão, que não depara
Uma moça, sequer, que ao ver-lhe a cara,
O queira para esposo! Uma conheço
Que o traz pelo cabresto ou pelo beijo,
Sem por ele sentir um só desejo,
Pois ‘té sente-lhe o fedor de percevejo!...

Enquanto assim Cupido discorria,
Num canto, o velho Marte discutia
Com o terno deus Apolo sobre o vate,
Que não deve partilhar peço combate,
— Ele há de marchar, se não vai preso!,
Diz Marte, escarrando com desprezo.
O que vale a poesia? É tudo asneira;
Só na Lua tem valor gente guerreira...
Para o mais *cebolório*... o mais é peta!
Ouvindo este falar, qual carrapeta,
Salta Apolo ligeiro e vai dizendo:
— Você... ó bicharoco... ó estupendo,
Não me insulte, tenha modo e fique certo
Que não vivo sem arrimo no deserto!
Tenho vates, vassalos em defesa
A bela moçaria, a natureza!
E por isso eu ordeno grandioso
Que da Lua o meu vate primoroso
Do camelo não marche na parada
E prefira e prefira a *machadada*!

Razões e mais razões... Cérbero late,
O guerreiro calou-se e o doce vate.

CANTO II

Agora, musa minha, chouteando,
Ou qual velho animal galopeando,
Dos deuses a morada abandonemos
E o que na Lua ocorre procuremos,
Para heroico cantar, alto e jucundo,
Que se ouça qual *estouro*, até no mundo!
É preciso e bem preciso, ó minha lira,
Que nas cordas que tens, de forte embira,
Eu module um poema, que percorra
O planeta rotundo, como a zorra,
Tornando a estupidez bem conhecida,
Tornando a nescidade enlanguescida,
Para que a multidão sarapantada
Escarre com desprezo e agastada
No estulto fanfarrão! É necessário
Que se cante também o salafrário,
Como canta-se o heroi, o portentoso,
O homem bravo e bom e generoso!
É louvável mostrar-se o bom caminho,
E muito e muito mais qual o daninho.

Depois deste cavaco, principio
O canto sério, grave e talvez frio!
Na Lua, andava tudo em movimento,
Um limpava a catana, outro o jumento,
Este o lindo fardão, a granadeira,
O sapato escovando, a charlateira;
Aquele barbeando, a navalhadas,
Muitas caras sisudas ou safadas;
Aquele, aquele outro se banhava
E o seu az asqueroso ensaboava,
Enquanto na calçada a gingongada
Aguardava o momento da parada!
Alfim, tudo em preparo então se achava,
Do Olimpo o mensageiro se aguardava
Com ânsias de sezão; ninguém sabia
Quem mandando a Brigada marcharia!
Eis que chega finalmente o mensageiro,
E pisando corajoso no terreiro,
Brada altivo: — Senhores, o Congresso,
Conhecendo demais o que é progresso,
Ordena que marcheis sob o comando
Do camelo Joãozinho miserando!

Quase houve *sarrabulho*, se a prudência,
Lembrando do Congresso a prepotência,
Não viesse em socorro dos lunáticos,
Dos deuses soberanos bem fanáticos.
Prossegue a doce paz, e nesse instante,
Divisam no camelo — um comandante!

Joãozinho, em sua casa, era banzeiro,
Mirando admirado um castanheiro!
— Ali — dizia ele — ó, tio Judas,
Tu morreste sem tomar nem quatro ajudas!
E quem sabe se também se breve o mesmo,
No dia da aleluia ou do torresmo,
A mim sucederá?

Neste somenos,
A boca oficial e a dos pequenos
Notícia ao camelo a chefatura
Da Brigada e do dia a brilhatura!
Tal nova o enlouquece... ó, que alegria!
Que ventura, que sorte e que honraria!
Com tamanho prazer... ei-lo, aos pinotes,
Quebra mesas, cadeiras, quebra potes,
De um cãozinho mimoso pisa a pata
E as orelhas também de gorda gata.
E berrando, e berrando dá no Félix,
Que prestes vai chamar perto o Maneles,
Para logo escovar-lhe o pardo pelo,
Pois ofício é de Maneles o cabelo!
Chega o Mestre, e depois de certo arranjo
Começa a pentear o tal marmanjo,
Cuja mente vagueia delirosa,
Durante a operação laboriosa,
Qual morcego, esvoaçando no escuro,
Ou qual sapo, saltando no monturo!
Após mudo pensar, ele, cismando,
Nas honras da parada e do comando,

Começa a murmurar: — Ó, sorte, ó, fado!

Já me sinto das honras saciado!

Ó *têmpora*! Eu, conhecido pela gente

Por feio camelório... até demente...

Eu, o João, conhecido por maluco,

Por grande paspalhão, cara de *cuco*...

Eu, o João do *cocó da ema esperta*,

Cabeça de talento bem deserta...

Eu, o João, o que sou?

— É um sendeiro! —

Diz baixinho o Maneles, o barbeiro.

Eu, o João, o que sou, neste momento?

Que responda o dourado fardamento,

Meu comprido chapéu agaloadado

E o cavalo também — ruço queimado!

E bem alto diga o povo, hoje em granel,

Quem sou, quem é João, o coronel!

Aqui para, suando de cansado,

Pelo parto deste chocho fraseado,

Desta prosa, talvez, em sua vida

Da boca a melhor que foi cuspidada!

E dando-o Maneles por faceiro,

Abandona-o... com medo do sendeiro!

Ele então se levanta e se fardando,

Embranquece-lhe a cor... e gaguejando

Prorrompe nestas vozes: — Ó, Silvana,

Desse grande uniforme a *durindana*

Onde está, onde foi? Eu não a vejo!

Fazer-me acaso querem — animalejo?
Ou tolo... ou bestalhão?

— Isto é pretexto,

— Diz velhusca coeva de João Sexto —

Para agora ralhar... Você, Joãozinho,

Em tolice me parece o Dom Ratinho!

— Não, Senhora... aqui está o figurino,

Leia as leis deste Império, não, menino,

E verá ao depois que da parada

Ao grande Coronel compete espada!

— Silêncio, toleirão! Eu, neste assunto

Sou tão grande como mestra de presunto!

Não fales em leitura e figurino

A quem leu comentários do Josino,

Do nosso Vasconcelos os Roteiros,

E o guia da doceira e cozinheiros!

Escute, pois, agora: pouco vale,

Muito menos, Janjão, do que meu xale,

A lei nesta questão, pois, comentada

Tanto foi, que hoje vive desmaiada,

Como velha em namoro...

— Porém diga

Se levo a *durindana* ou levo espiga?

— Não senhor, não senhor, ó mal criado,

É da moda que leve um bom machado!

— Ói! É moda? É, então? Assim me calo!

O machado levarei, mande afiá-lo!

Assim finda a questão; ei-lo fardado;
Traz-lhe logo um negrinho o seu machado,
Que mete no talim. Depois, banzando,
Ordena ao Paciência que, selando,
Prepare o rocinante. O pobre etíope,
Que não sabe sequer quem foi Calíope,
Tirando o seu chapéu, assim murmura:
— Xi! Pode, senhorzinho, por ventura
O cavalo carregar nessa parada
O camelo... vossuncê... ói que maçada!
— Paciência... Paciência, ora te esqueces
Quem eu sou... e quem és... e me enfureces!?
Deixa estar que, findando-se a Parada
E também o comando da Brigada,
Hei de dar-te, ó, Paciência, uma sapeca
E embarcar-te depois p'ra Muribeca! —
Diz tremendo o camelo afadigado,
Que se acha numa farda incomodado,
Enquanto o vai xingando, com *muxoxo*.
Paciência, de uma surra muito coxo,
O cavalo selar na estribaria.
Onde estar devera o heroi do dia!?

Enquanto assim o João se preparava,
Uma cena burlesca se passava
Entre o povo fardado. Nas calçadas,
Como negras formigas assanhadas,
Os gingongos se viam palestrando,
A ausência de seus campos lamentando

E o dia maldizendo e o comandante,
Poderoso camelo, alto pedante...
E também de seus pés doridos calos,
Fazendo feios momos, dando estalos,
Da boca soltando o cuspo imundo
Do pior mapinguim que há no mundo!
E diziam: — Mané, ó, que parada!
Ó, quanta galizia e trapalhada!
— Compadre Francisquinho, não importa
O calor que no campo se suporta,
Nem também no roçado o prejuízo!
O que doi, o que maltrata e tira o siso,
Ó, é ser desta *coisa* o maioral
Um camelo... indivíduo sem igual...
Que demais eu conheço...
— Ó, Manezinho,
Vê que o bicho não é o D. Ratinho,
E sim o Coronel!
— Ó, que desgraça!
Só bebendo o Mané muita cachaça!
Marchar sob as ordens de um pezunho,
De um moeda xexém, que não tem cunho...
Eu que o vi no cocó da ema, quando,
Da casa à meia-noite se moscando,
Já cocos colher, os quais vendidos,
A cobre e patacão bem reduzidos,
De certa Vênus eram para o saco,
Ou para o taverneiro e sério Baco!
— Santa Bárbara, Mané endiabrado,

Tu queres ver teu filho recrutado?
Não temes o grilhão ou calabouço
E da vingança do herói cair no poço?
— Compadre Francisquinho, eu sou *temero*
Pior que tubarão, pior que mero!
O golpe não receio de um machado,
Pois sou cabra no mundo examinado!
— H... i... pitu-assu!, diz um gingongo —
Nem serve o paspalhão p'ra rei de congo!
Pergunta ao seu irmão... que te afianço
Que dele o defensor será boi-manso,
Escutando uma história, em que Joãozinho
De seu pai ser dissera o bom filhinho,
A certa ninfa terna, que quisera
Saber o nascimento da pantera!
— Ui! Gente, deixe disto! — Disse sério
Um cabra barrigudo e joco-sério,
Conhecido por Pitanga e bom cronista
Do camelo Joãozinho, cuja vista
Nem sempre andou segura, e sim turbada,
Ao peso nunca menos de canada!
Então houve silêncio por momentos,
‘Té que soa o tambor dos regimentos,
Que os gingongos convida para o campo,
Onde deve brilhar, qual pirilampo,
Joãozinho, o maioral da grã Brigada,
Que devia marchar enlameada!
Todos correm p'ra forma, onde o sargento
Dos que faltam toma logo arrolamento;

Pois faltar — diz o João — é desaforo;
É coalhada que deve dar bom soro,
Formados todos são; os comandantes,
Carrancudos, como velhos embirrantes,
Os alferes, tenentes, capitães,
Uns com caras de bolacha, outros de pães,
Puxam lisos facões, lustrosos ferros
E entram logo em forma, dando berros!
Tudo assim se prepara, após asneiras,
Muito grito e patada e baboseiras,
Entre os bravos e briosos batalhões...
‘Té que alfim lá desfilam pelotões;
Vão num largo esperar — não um veado,
Nem cotia e preá, nem um queixado,
E sim, ao chefe João — homem de fama,
Que dizem não ser porco na lama
Nem jumento também... e sim ilustre
Na ciência e nas armas grande lustre!
Nas letras — Boileau, Sue ou Dumas,
Nas armas — um Roldão, um Ferrabrás!



CANTO III

Vendo as cenas da futrica ou da Parada,
O torto marche-marche da Brigada,
Os deuses gargalhavam de tal sorte,
Que no Olimpo — desde o sul até o norte —
Geral era a festança, a caçoada!
E para emporcalhar a patuscada,
O Congresso risonho logo ordena
Que a chuva se derrame, não pequena,
A fim de transformar em porcalhões
O camelo e os gingongos pelotões!
E à vista dessa ordem, o firmamento
Se torna carrancudo e pardacento,
E começa a chover, a chover muito,
Da lua sobre a face ou no bestunto
Já na rua marchava, cintilando,
O povo marcial, o chão calcando,
Da chuva ao começar! Enlameados,
Quais porcos no chiqueiro conservados,
Ficam os pobres diabos, dão cavaco,
E dos poços da rua, quais macacos,
Correm, dando saltinhos, com receio
Que se atole a canela até o meio!



E a chuva sem parar! Eis, pelas ventas,
Quais fontes invernais e lamacentas,
As águas se deslizam, vão fagueiras
Bons açudes formar nas algibeiras!
E a chuva sem parar! De certo bravo,
Como que para *oculto* desagravo,
Em fundo lamarão negro sapato
Desaparece e depois boia, como sapo,
E a chuva sem parar! Do velho Régio,
Guerreiro veterano e *baixo* egrégio,
O polvilho da calça vai fugindo,
Que, na ausência da ceroula, vai-se unindo
Ao preto canelão descabelado!
E a chuva sem parar! Ui! Que atolado
Quase fica um heroi da pátria cara,
Da pátria, a qual sempre desfrutara.
E a chuva sem parar! Ó, não, agora,
A coisa me parece que melhora;
Chuvisca pouco e pouco, até que finda...
Lá foge o nevoeiro... a tarde é linda!

— Batalhões, batalhões, ó, *sentido!* —
Tanto num como noutro a voz soou;
Pois ambos ora estão já reunidos
À espera do camelo... e bem transidos
De um frio de fazer bater o queixo
E zangados como quem levou um *seixo!*
— Batalhões, batalhões, abrir fileiras! —
Forte, o mando reboa até nas feiras!

E depois apresentam lisas armas,
Toca a música... e após, após alarmas
No bando molecal que os aplaudia
E a festança partilhava desse dia.
As armas se apresentam orvalhadas
E descem os *mandões* suas espadas
E também da nação linda bandeira,
Que, aos pés de outra gente aqui estrangeira,
Muita vez é rogada, muitas vezes,
Em dramas, em comédias e entremezes!
Atenção, atenção, vem baralhando
O camelo! Assumir vem o comando!
Atenção, atenção, vem o Joãozinho
Que as moças apelidam — Dom Ratinho!
Como vem gracioso! Ó, não é peta,
Não parece camelo e sim capeta!
Chegando, toma conta da Brigada
E começa orgulhoso a patuscada,
Com os dois batalhões — a pobre gente
Que acabara de beber muita aguardente,
O frio combatendo, receosa
De catarro ou de febre perigosa.
E beberam tanto eles, de maneira
Que se tornou geral a bebedeira!

O camelo berrou... todos perfilam,
E, depois de três berros, lá desfilam
Gingongos pelotões, que vão marchando,
Em seguida ao camelo miserando!

Estavam numa praça embandeirada,
Onde deve a luzida e grã Brigada
Marchar em continência. A voz ressoa,
Que os ouvidos dos gingongos atordoam:
— Brigada... *sentidô!* Para a Matriz
Dando as costas... p'ra ali vira o nariz!
— Isto não! — dizem muitos a falar —
À direita... à direita... ora rodar!
— Pois então — diz o chefe —, se assim querem
Se esta fala de *inguilez* aqui preferem,
Um venha me ensinar, muito em segredo,
Pois que néscio me julguem, tenho medo!

Assim vai a parada. A soldadesca
Que, de marcha guerreira nada pesca,
Dá motivo a tremenda gargalhada
Da gente que a contempla admirada.
Um *muafo* deixava a granadeira
Muitas quedas levar sobre a poeira;
Outro, à voz de atirar, aponta atento,
Tendo a *bicha* escorvada só de vento;
Aquele supõe a arma de espoleta
E um outro julga ser a caçoleta
A orelha do vizinho emborrachado,
Enquanto o tal camelo, de machado,
Faz proezas, dá saltos, cambalhotas,
Alisa o grosso pelo, alisa as botas,
Olha as moças, que julga escandescidas
Pelo fogo do amor! Ai, comprimidas

As risadas estavam, não de afeto
Ao tolo animal, feio, abjeto.
A parada findou. Então, correndo
E de raiva, e de raiva embranquecendo,
Se dirige o camelo ao comandante
Do *tércio* batalhão, sempre *elegante*:
— Em sua tropa, Senhor, por que não vejo
O soldado cantor... de realejo?
— Ilustrado animal, eu vos escuto
E tudo vou narrar num só minuto.
— Diz o chefe do *tércio*: — O tal poeta
Ontem foi me dizer que de um pateta
Como vós, ó camelo portentoso,
Sob as ordens não marcha...

Desgostoso,

Dá um coice o camelo e grita irado:
— Diga, diga outra vez... o malcriado
Não quis apresentar-se hoje fardado,
Somente por ser chefe da Parada,
Eu, que sou de uma raça laureada?
O Ajudante — bom moço do terceiro —
Que escutava o discurso do sendeiro,
Diz baixinho: — Senhor, a gente peca
Contou-me que ele sofre de enxaqueca
E de um calo também no dedo grande!
— Vá daqui, Ajudante, vá... desande,
— Diz o ilustre camelo, mal contendo
O ódio em sua pança: — Eu compreendo
O motivo principal do acontecido,

Pois o vate é por mim bem conhecido!
Tem orgulho demais... tem lira ousada
E assim antes deseja a *machadada*
Do que... do que marchar neste pugilo!
— Senhor — dizem alguns —, fique tranquilo,
tanta raiva p'ra quê? Nesta almo dia
Não receia morrer de apoplexia?
— Deixe estar, deixe estar! — diz o camelo
Eu pretendo ensiná-lo... caia o pelo
Que me enfeita o carão, se na cadeia
O vate não *cantar*, como a sereia!
E por isso hoje mesmo, ó, comandante,
O vate quero preso, o petulante
À minha ordem, entendeu? —
Diz o sendeiro,
Bufando, como bufa o seu traseiro,
Dando sobre o arção da sela ornada,
Qual se fora no bardo a *machadada*!

Assim tudo findou. A gingongada
Toda aflita pelos calos e suada
Vai as armas depor... pôr-se a caminho,
Enquanto o camelo, o tal Joãozinho,
Ordenando a prisão do pobre vate,
Que despreza mandões desse quilate,
Vai p'ra casa dizendo: — Ó, tanta glória
Perpétua ficará na pátria história!

E enquanto, lá no Olimpo, fatigados

Eram os deuses dos risos prolongados,
Pois durante a Parada, alguns rolaram
Pelo chão, gargalhando, e constiparam;
E um outro, com a devida cortesia,
A rir-se deu um vento que fedia! (*)

(*) Está subentendido que foi para as vendas do herói do poema.

A 1ª edição de *A Machadada* foi publicada no Ceará, em 1860, na Tipografia Americana de Teotônio Esteves de Almeida, na Rua do Fogo [trecho da atual rua Major Facundo].

Sugerimos a leitura da apresentação de Renato Braga ao título *Folhetins de Silvanus* desta Coleção.



A PORANGABA



A PORANGABA

Prólogo que acompanhou o poemeto em sua 1ª edição, 1861

Junto da povoação de Arronches, distante da capital do Ceará uma légua, vê-se a lagoa de Porangaba.

Eis a sua legenda:

Placidamente vivia à margem da lagoa uma tribo de Tabajaras, antes da fundação do Ceará, e pouco tempo depois da de Pernambuco.

Porangaba (*Porang-aba*, a formosura) era a cabocla mais linda da tribo. Vinha de deixar a infância pela cismadora juventude e, como era usança, sua mãe tingira de vermelho urucú o derredor de seus olhos para anunciar a misteriosa mudança que se operara na filha, e assim estimular os mancebos.

A virgindade não era santificada entre os índios. Parecia ser um empecilho ao consórcio; e, por isso os pais ofereciam as filhas ao primeiro mancebo que os visitava. Depois do casamento, sim: a fidelidade conjugal era considerada um rigoroso dever. O adultério punia-se com a morte.

Apareceu na aldeia um Lusitano. Um desses ambiciosos que desembarcando em Pernambuco embrenhavam-se em nosso sertão atrás do ouro e de preciosas pedras, de aldeia em aldeia, sendo algumas vezes herois de interessantes aventuras, e outras vítimas da antropofagia ou do ódio que lhes votavam algumas tribos.

Chegando procurou o Luso um agasalho, e sua estrela guiou-o para a *tejubaba* dos pais de Porangaba. Estes, hospitaleiros como eram muitas tribos, a ponto de julgarem o hóspede um enviado de Tupã, receberam-no com afago dando-lhe o necessário, e, como era costume, entregando-lhe a linda filha.

Ainda virgem e nos primeiros dias da juventude, da idade em que as paixões brotam com todo o vigor, como é natural, sentiu no seio após essa noite de misteriosas delícias, o germen de um profundo amor.

Os lábios do branco haviam-lhe bafejado fogo dentro d'alma e abraçado-lhe o colo e as faces; aquelas suspirosas falas que dele ouvira, haviam-lhe soado aos ouvidos como música harmoniosa que soem desprender em seus festins os *upiáras*; e aquele hálito fora-lhe mais fragrante que o das florinhas das várzeas: — em suma, o primeiro amor brotara-lhe ardente como o sol do seu país, e doce e fascinador como a natureza que a circundava!

Entretanto, finda a noite, continuou sua viagem o Lusitano, sem despedir-se dela sequer. Louco! Corria atrás de tesouros, deixando em seu caminho o maior que no mundo existe — um coração estremoso e fiel. Cego! Corria atrás da felicidade sem enxergá-la num afeto inocente e puro!

A misérrima ficou chorando, chorando muito! Que o digam as avezinhas a quem muitas vezes confiou seu pesar atroz; que o digam as auras que muitas vezes escutaram suas magoadas queixas; e a face luzidia da lagoa, que tantas vezes guardou as pérolas do seu pranto!

Três anos passaram-se. Dia por dia esperava-o a malfadada. — Hoje não veio, porém amanhã virá por certo. — dizia ela alta noite ao deitar-se. Chegava esse suspirado "amanhã", e quem vinha era o pranto aos olhos! Assim aumentava-se-lhe a tristeza, ao passo que morria-lhe a esperança.

No fim de três anos, querendo a tribo premiar os briosos feitos do guerreiro Pirauhá, entendeu fazê-lo dando-lhe por consorte a Porangaba.

Que resistência poderia empregar a fraca e triste cunhã contra a vontade geral dos seus? E demais, após tão longa ausência esperaria ela ver o amado, aquele que ingrato julgava? Nenhuma palavra, pois, disse: aceitou resignada, ou como alheia ao ato, a mão do guerreiro da tribo. É que dava-lhe somente um corpo sem alma — esta já houvera dado — já não lhe pertencia.

Efetuiu-se o consórcio, conforme o rito da tribo, e seguiu-se a festa do noivado, festa muito alegre para todos, à exceção daqueles que observassem atentos a infeliz Porangaba, a miseranda noiva! Sim, ao som dos *membys*, dos *murmurés* e outros instrumentos festivos; ao voltear do agitado *torém*; no calor produzido pelo embriagante *cauim*, o filósofo observador devisaria nesse novo par a alegria casada com a tristeza, o retrato da vida terrena. Enquanto o poeta enlevado contemplaria nele a florinha, emurchecida pelos raios abrasantes do sol no verão, perto do virente e majestoso ipê da montanha. Na verdade assim parecia a lânguida cunhã junto de seu robusto esposo, não só nesse festim alegre da tribo, como também depois, na vida plácida de sua tejubaba. Deste modo viviam. Eis que uma noite, voltando Pirauhá da caça, satisfeito por tê-la encontrado da melhor para a sua bem amada, entra na tejubaba e não a encontra. Aflito e gemebundo empunha o rijo tacape e sai a procurá-la por entre as moitas de tabuleiro, receoso de que tivesse ela sido vítima d'alguma fera, ou de que se transviasse no passeio da tarde. Neste empenho ouve uma toada desconhecida, e avizinhandose ao cantor, nele reconhece o Emboaba que fora hóspede dos pais de sua esposa. Sobressalta-se e, escondido no mato, vai acompanhando-o insensivelmente, como que desconfiado, como que levado por um desses estremecimentos do coração,

que chamam pressentimento, e que muito valor tinha entre os supersticiosos índios.

Aproxima-se o Luso à lagoa; e ali, à margem da vereda, via-se a melancólica Porangaba, assentada no tronco dum cajueiro, mergulhada em profunda cisma, alheia a tudo que a rodeava, a esquecida do esposo, do lar, e até de si mesma.

Ao escutar a toada do Luso, ela estremece e corre ao seu encontro, como se fosse impelida por misterioso poder. Avistam-se, falam-se, e esquecem o presente para lembrar o passado, esse passado de amor e de saudade, ignorando que bem perto os escutava Pirauhá, sentindo o peito lancetado pelo ciúme e com os olhos injetados de sangue pela raiva, com as faces em brasa, os lábios secos e o peito arquejante, prestando atento ouvido a tudo, a fim de não perder uma palavra por menos importante que fosse!

Desse apaixonado colóquio, em que cada qual procurava contar os seus sofrimentos de três anos, passaram ao delírio da paixão, e num acesso dessa febre que ataca a cabeça e o coração, enlouquecendo aquela e abrasando este, a que chamamos amor, ela comete o crime do adultério!

Brado medonho estruge na floresta, e hedionda figura arremessa-se para os dois, vibrando com mestria o tacape e bramindo furiosa. A infeliz adúltera desmaia, e o Português, sacando o punhal procura defender-se matando o atrevido que para ele arroja-se. Trava-se sangrenta luta entre o Luso e o traído esposo, que da floresta testemunhara a infâmia da consorte; e ao clarão da lua, à margem da lagoa, e no centro das moitas, esse duelo de morte torna-se horroroso. A tribo inteira, tendo ouvido o brado e rumor dos contendores, corre ao lugar d'ação, e ansiosa contempla a luta que finda-se morrendo o Lusitano, após desesperada resistência.

Então o desditoso Pirauhá, ainda aceso em ira, relata o caso apontando à criminosa, aquela que tanto amara e infame-mente o desonrara — e mostrando o vil Emboaba que matara, e que contemplava...

"Não ter sentido a divinal pujança
De dar-lhe a vida p'ra maior vingança."

Todos bravejando cospem injúrias sobre a delinquente, amarram-na, e ao som do maracá do Pajé e dos cantares e tripúdio usados para a maior solenidade do ato, cumprem a lei de Tupã, crivando o formoso corpo da adúltera com flechas. E, não satisfeitos com isto, para talvez perpetuar o exemplo ou para padrão daquela infâmia, dão à lagoa o nome da malfadada, chamando-a desde esse dia — Lagoa da Porangaba.

Eis que me contou um velho caboclo, dizendo que a escu- tara a seus pais, e estes aos seus maiores.

Os tabajaras, diz Gonçalves Dias, ocupavam o litoral, e por isso é de supor que eles fossem antes os conquistadores, que os primeiros habitantes do País. Os conquistadores, como homens que eram, carecidos das mais simples noções de agricultura, deveriam de preferência escolher as praias como mais mimosas da natureza e mais fartas, recalcando assim para o centro das matas os íncolas primitivos do País. Quadra-lhes, portanto, o nome que tomaram de Tabajaras, cuja etimologia é — *Taba* e *Yara* — que é como se disséssemos: os senhores das aldeias.

Os portugueses os encontraram no litoral do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, formando setenta e tantas povoações guerreiras. Destas, uma habitava em Arronches, junto à lagoa que denominamos Porangaba; — o que consta da História, pois, nos certifica esta, que uma tribo de Tabajaras habitava a Serra da Ibiapaba, que descendia dessa tribo o bravo Camarão, cujos

feitos em Pernambuco, na guerra contra os holandeses, são conhecidos; e que seu irmão Jacaúna morava ou dominava os índios da Porangaba, onde recebeu com grande festa a Martim Soares Moreno, chamando-o seu filho, quando este, em 1610, veio fundar a Capitania do Ceará.

Em geral os índios não prezavam a virgindade; entregavam as filhas aos hóspedes, como ainda hoje [1872] fazem algumas tribos do Amazonas; e, entre algumas nações era costume das mães pintar com vermelho urucú ao redor dos olhos das filhas, logo que estas chegavam à puberdade, a fim de que, sendo conhecida a misteriosa mudança, fossem elas procuradas pelos homens.

Concordam quase todos os historiadores que o adultério entre os índios era reputado a maior infâmia, e punido com a morte.

Fr. José de Santa Rita Durão no seu poema "Caramurú", diz na estrofe 73 do Canto 3º:

"A fé do matrimônio bem declara
Que o vago amor a lei ofenderia,
Se se pudera usar sem que um casara,
Quem é que n'este mundo casaria?
Deve morrer quem quer que aduterára;
Sem isso quem seu pai conheceria?
E o que extermina a Pátria potestade,
Quem não vê que repugna a humanidade."

Constâncio, na sua *História do Brasil*, firmado no que escreveram diversos historiadores, diz no Cap. 2º, pág. 87: "Matam-nas (as mulheres), porém, se as apanham em adultério".

O coronel J. J. Machado de Oliveira, desenvolvendo o programa proposto pelo Instituto Histórico — Qual era a condição social do sexo feminino entre os indígenas do Brasil? — diz: "O crime do adultério era punido de morte". Como estes,

estes muitos outros afirmam a existência desse costume ou lei em muitas tribos. Também não é inverossímel a cerimônia que descrevemos na execução. Os índios não dispensavam os cantos e danças em qualquer ato, para sua maior solenidade: Cantavam e dançavam à visita do Pajé, o mesmo faziam à execução dos prisioneiros, e noutras ocasiões, e por isso não é duvidoso que o mesmo fizessem à execução da adúltera. (...)

Juvenal Galeno

APRESENTAÇÃO À 2ª EDIÇÃO DE *A PORANGABA*

É grande o interesse despertado ultimamente por tudo quanto diz respeito aos nossos índios: suas lendas, usos e costumes, a sua cultura, enfim. Isso veio animar-nos a reeditar a presente obra, um poema indianista de Juvenal Galeno publicado pela primeira vez em março de 1872 [Alberto se esquece da 1ª edição de *A Porangaba*, de 1861], no mensário *Lira Cearense*.

Pouco conhecida dos pósteros, a índia Porangaba com toda a dramaticidade que a cerca nada fica a dever a uma outra índia não menos lendário: a Iracema do romance de José de Alencar.

O romance, ou melhor, a tragédia de Porangaba, tem como palco a lagoa que lhe tomou o nome. Ali, nos primeiros dias da Colônia encontrava-se uma taba da nação Tabajara, na qual figurava Porangaba como uma das mais belas cunhãs. É quando chega certo aventureiro Lusitano em busca de ouro. Após breve concubinato com a índia o Emboaba larga-se pelas brenhas dando continuidade a sua aventura. Porangaba fica inconsolável.

Ausente ele esteve durante vários anos. Nesse interregno, Porangaba é dada em casamento, pelos seus maiores, ao guerreiro Pirauhá, um dos bravos da tribo. Entretanto, Porangaba não consegue amar ao esposo. A sua grande paixão continuava sendo o Emboaba.

Até que este, retornando à maloca dos Tabajaras, dá continuidade ao romance interrompido, romance agora proibido uma vez que Porangaba achava-se casada e o adultério não era admitido entre os indígenas.



Flagrados em delito, o Emboaba é morto em luta por Pirauhá, enquanto Porangaba, após o julgamento da tribo, é condenada e executada às margens da lagoa que lhe tomou o nome.

O poema aqui publicado, assim como o seu autor, não temos dúvida, merecem ser conhecidos da nova "indiada" que somos nós, os atuais cabeças-chatas. (...)

Alberto Santiago Galeno

Fortaleza, dezembro de 1991



A PORANGABA DE GALENO

Batista de Lima*

O romantismo europeu recuou à Idade Média para pescar seu herói entre os cavaleiros daqueles tempos. No Brasil, por nos faltar essa fonte de bem nascidos, foi preciso recorrer ao indígena, que viveu aquela época neste nosso Pindorama. Depois de tanto massacrarmos os nativos, donos destas terras, durante trezentos anos de colônia, nós os transformávamos em heróis. Alencar e Gonçalves Dias são dois exemplos desse fenômeno na primeira fase romântica. O primeiro, no romance; o segundo, na poesia, ambos de origem nordestina. Outro nordestino que não pode ser esquecido é Juvenal Galeno.

Juvenal Galeno, o mais conhecido poeta romântico cearense, é tido como iniciador do romantismo entre nós com seu livro de poemas *Prelúdios poéticos*, de 1856. Apesar de Gonçalves Dias não se mostrar muito entusiasmado com sua poética, quando aqui esteve na Comissão Científica, em 1859, não impediu que Galeno, em 1872, saísse com um poema épico, baseado em lenda conhecida dos nativos. Era *Porangaba*, poema elaborado sobre um enredo que lembra bastante a saga de *Iracema*, de José de Alencar. O incrível é que o ritmo do poema lembra a mesma batida que Gonçalves Dias utilizava nas suas épicas contadas em torno dos índios Timbiras. Mas o importante é que a tragédia da

índia Porangaba deu origem ao nome da lagoa que lhe assistiu à desventura de seu amor romântico.

Há, no entanto, diferenças entre as abordagens do poeta e do romancista cearenses. Em Alencar, o herói Martim volta à Corte levando consigo o primeiro retirante cearense, o filho da dor, Moacir. No caso de *Porangaba*, o herói português, o emboaba, é morto em luta com o índio atraído, no caso, Pirauhá. Também Porangaba é sacrificada em nome de uma ética indígena, quando em *Iracema*, a morte da heroína é muito mais em nome de uma ética colonizadora. A segunda diferença está no gênero. Enquanto Alencar suspendeu a elaboração versificada de sua saga, transformando-a em prosa, Galeno sustentou o estro e atravessou toda a epopeia dentro de uma versificação bem elaborada.

Porangaba, no entanto, aparecido após *Iracema*, e geograficamente reduzido à província que a contextualizou, não teve o aparato midiático de que se revestiu a índia tabajara imortalizada por um escritor já famoso e situado no melhor mercado consumidor da época, o Rio de Janeiro.

Publicado pela primeira vez em livro, em 1861, e numa segunda vez integrada ao *Lira Cearense*, em 1872, esse poema indianista teve uma segunda edição em livro, em 1991, por meio da Casa de Juvenal Galeno, vindo agora em sua terceira edição, graças à iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará em reeditar clássicos de nossa literatura, dentre os quais a coleção **Juvenal Galeno: obra completa**. Pode-se dizer que *Porangaba* é um clássico da literatura cearense, da antropologia e da linguística. Da mesma forma que *Iracema*, *Porangaba* pertencia à nação Tabajara e pela descrição das duas, difícil é imaginar qual seria a mais bela. O destino de cada uma, a morte. A morte romântica em nome da “ousadia” de um amor impossível, mas grandioso, mesmo diante da ética nativa que considerava o adultério como passivo de condenação.

Além do conhecimento desses costumes indígenas, é notável a curiosidade de Juvenal Galeno no devassar da linguagem dos tabajaras. São tantos os termos indígenas utilizados no texto, que no final do poema ele decidiu organizar um breve glossário que denominou de “Vocabulário Americano”. Nele, encontram-se termos já de certo conhecimento por parte do público, como “cunhã”, “tipoia” e “pajé”, ao lado de outros desconhecidos, como “ibak”, “junduhí” e “upiara”. Esse glossário facilita o entendimento da saga, por parte do leitor, e coloca o livro ao alcance, inclusive, dos estudantes, caso se pretenda utilizá-lo como paradidático, permitindo-lhes conhecer um pouco mais da nossa formação cultural e a origem dos nossos topônimos. A antiga Arronches tornou-se Parangaba, e essa homenagem à lendária índia precisa chegar ao conhecimento do aluno que, hoje, tem acesso ao mundo inteiro, mas que desconhece o seu “quintal”. Desconhece, inclusive, os costumes e tradições indígenas, mesmo aqueles que têm resistido até os nossos dias. A hospitalidade dos nossos antigos nativos ainda respinga na atualidade. Dizia-se ser tão bem recebido o forasteiro, que o anfitrião chegava a lhe oferecer a própria filha para com ele dormir. Dessa “dormida” foi que desabrochou a paixão de Parangaba pelo emboaba.

Interessante é que, se a virgindade não era tão valorizada pelos índios, por outro lado, o adultério era punido com a morte. Parangaba dormiu com o português porque era solteira, mas o português continuou por três anos procurando ouro no interior e Parangaba ficou à sua espera. Nesse interregno, destaca-se em lutas em defesa da tribo o guerreiro Pirauhá que recebe, como prêmio, o direito de casar com Parangaba, a mais bela índia da tribo. Não sabia ele que a índia já dedicara sua paixão ao português. É tanto que, no retorno do branco, mesmo casada, Parangaba se entrega ao seu amor e é descoberta pelo marido.

O final trágico é inevitável. Depois de renhida luta, o tacape do índio vence o punhal lusitano. Emboaba morto, a ira da tribo se volta contra a índia que também é morta, a flechadas. O desfecho romântico imortaliza Parangaba, que dá nome à lagoa, que serviu de cenário à saga. Daí veio o nome do bairro Parangaba, de Parangabussu, e veio, principalmente, o poema épico de Juvenal Galeno. O que Galeno conseguiu foi imortalizar a índia como coirmã de Iracema. As duas índias são tão parecidas, suas histórias são tão próximas, que se pensa tratar-se da mesma heroína. Tão fortes e marcantes que nos tornamos terra de Iracema, lagoa de Parangaba.

Pode até não corresponder ao real, possivelmente acontecido, mas o poema é revelador. Nossa cultura possui um subsolo mítico ainda pouco explorado. É preciso escavar melhor o nosso passado, ir além do que nos mostrou Alencar e Juvenal Galeno. Afinal, há muito mais ingredientes a serem revelados da nossa formação cultural. Um dos caminhos é começar pelo pouco que conhecemos. É por meio desse conhecimento que nos entusiasmos para o mergulho nesse manancial de saberes que é nossa primitiva história.

() Professor do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará e Membro da Academia Cearense de Letras.*

A PORANGABA
Lenda Americana / Lagoa de Arronches

I

A tarde era vinda, pra o rubro ocidente
O Sol descambava com frouxo clarão,
As folhas dourando nas matas frondosas,
E os mares e os rios do grande sertão

A brisa das praias passava gemendo
Nas ervas, nos bosques, nas alvas areias,
E o grande oceano pausado bramia,
E a linfa chorando saltava das veias.

A tarde era vinda! Que doce mistério,
Qu'extrema beleza por sob o seu manto!
Na virgem floresta, no meio dos ermos,
Quem pode pintá-la da lira num canto?

Que vaga tristeza por toda a natura,
Que doce harmonia nos campos então!
Os bardos alados soltavam seus hinos,
E ao longe o tapuia saudosa canção.

Nos galhos, nos ramos de verdes arbustos
Cantavam graúnas num coro entoado,
Alegres jandaias, vem-vens, papagaios,
Em bandos passavam — voavam no Prado.

E junto das selvas, na beira dos lagos,
Gentis cericoias cantando diziam:
Que breve das chuvas as gotas sem conta
Aquelas areias e matas teriam.

A tarde era vinda, pra o rubro ocidente
O Sol descambava com frouxo clarão,
As folhas doirando nas balsas formosas,
E os mares e os rios do grande sertão.

E perto à lagoa, no meio dos prados,
As ocas se erguiam de brava nação;
Leais tabajaras, da raça tapuia,
Qu'há muito habitavam naquele torrão.

No alpendre dos colmos da taba se viam,
Aqui as mulheres nas lidas caseiras,
ali os mancebos preando nos ares
As aves em bando, com flechas certeiras.

Além os piagas cantando e dançando
Ao som estridente dos seus maracás,
Os tempos vindouros estão predizendo,
As horas fagueiras, os dias fatais.

A tarde era vinda... Tapuia garbosa
Eis surge das águas, p'ra taba caminha,
Que nova beleza, que porte, que graças...
Quem é?... Porangaba, das belas rainha!

Quem é? Porangaba, a cabocla formosa,
D'aquelas campinas das flores a flor,
Ai, cujos olhares são setas que matam,
Ai, cujos sorrisos são mortes de amor!


Cismando ela passa, do braço lhe pende
Um lindo cestinho de brancos cipós,
E nele a colheita da pesca abundante,
Da caça no lago pequenos socós.

E no ombro a tarrafa de finas embiras,
E sobre a colheita vem seu jereré,
Que à noite na taba trançara cuidosa,
Ouvindo as histórias do sábio Pajé.

Cismando caminha. Mil gotas da linfa
Lhe brilham no corpo moreno e gentil,
Qual vemos nas pet'las da rosa fragrante
Orvalhos da noite nas alvas de abril.

Cismando caminha. Tupã, que meiguice,
Que olhares, que mimos, que leve pisar!
De tantas belezas os hinos ouçamos
Dos bardos tapuias no doce trovar.

II



"Porangaba, Porangaba,
Quanto és formosa e louçã
Tens o poder dos Piagas,
És divina qual Tupã;
Porangaba,
Tu és a doce manhã.

"Teus olhos são sóis ardentes
Do norte no seco chão,
Às vezes são como os lagos
Imóveis, sem comoção,
 Porém sempre
Infaustos ao coração.

"Tuas faces, que imitaram
Da pitomba a cor morena,
São puras quais duas flores
Desta lagoa serena,
 E coradas
Qual da garça a rósea pena.

"Teus sorrisos, teus sorrisos
São estrelas cintilantes,
São dum afeto fervente
Vivos reflexos distantes,
 São teus risos
Faceiros, inebriantes.

"Teus cabelos são escuros,
Como noites procelosas,
E reluzem como as plumas
Das graúnas sonoras,
 Sobr'os ombros
São madeixas perigosas.

"Os teus lábios são da tarde
Nuvenzinha enrubescida,
Por causa deles afirmam
Haver muita alma perdida;

Muitas vezes
Eles dão a morte, ou vida.

"O teu colo é mansa fonte
Do gozo e casta ventura,
Que se move mansamente
Da aragem com a ternura;
Nessa fonte
Boia amor, boia a candura.

"Dele os pomos, eu suponho,
Que estremecem de contentes,
Quais dois *genipás*, se passam
Doces auras inocentes;
Nos biquinhos
Naufragam pobres viventes.

"Como os cantos dos canários
São tuas falas sonoras;
Até mesmo a natureza
Fica triste quando choras;
És mais terna
Que as avezinhas canoras.

"Quem lá no banho, entre as outras,
Quando passas a nadar,
Quem nas selvas, ou na taba
Pode ver-te sem amar?...
Sem enlevos,
Até perdendo o falar?...

"Porangaba, Porangaba,
Dos tabuleiros a flor,
Não me fujas como a rola
Ante um índio caçador;
Porangaba,
Ai, não mates teu cantor!"

III

E ela vinha cismando descuidosa,
Como alheia de si, embevecida,
Num sonho vago, incerto e sem limites,
Tão grato ao coração, qual doce a vida.

Na face a palidez da folha murcha,
Outrora na campina alma e viçosa;
Nos lábios desmaiados, os gemidos,
Qual núncios duma dor misteriosa.

Na frente o sinal de funda angústia,
Sobre o colo os cabelos desprendidos;
E seu corpo resvalando leve, aéreo,
Qual se fora sem vida, sem sentidos.

Por que tanta tristeza e cisma e mágoa
Nessa quadra dos dias prazenteiros? ...
Sua idade era pouca — quinze vezes
Deram fruto na praia os cajueiros.

Quinze invernos passaram, desde quando,
Deitada em branda rede no terreiro,
Com plumagens e tintas adornada,
Da tribo teve um hino lisonjeiro.

Então — ainda a tradição relata —
 Ouviu-se da coruja infausto canto,
 Rugiu o maracá dum modo ignoto,
 E ao Piaga correu gota de pranto.

Por que tanta tristeza e tanta cisma?
 Não tem ela na choça o seu esposo?
 O grande Pirauhá, na luta ingente,
 O grande Pirauhá forte e formoso!

Que o diga Gaturamo, o doce bardo,
 Que as dores dos afetos soi cantar;
 É o poeta da taba; ei-lo que entoa
 O mistério talvez desse pesar.

IV

"— Nos lagos, nos rios, nos mares infindos
 ygára gentil
 Corria sem medo... Não corras, lh'eu peço,
 E ela corria qual brinco infantil.

No prado, nas matas, nos brandos arroios,
 Fugaz juruti
 Cantava ditosa... Não cantes, lh'eu disse,
 E ela cantava voando de *mi*.

No meio dos vales verdosos, ridentes,
 Das selvas a flor
 Soltava perfumes... Ai, guarda-os, lh'eu disse,
 E ela os soltava sedenta de amor!

Nas folhas, nas ervas, nas palmas luzentes,
Orvalho formoso
Ao Sol cintilava... Não brilhes, lh'eu peço,
E ele brilhava talvez orgulhoso.

No meio das tabas, na aurora da vida,
Donosa donzela
Afetos cismava... Não cismes, lh'eu peço,
E ela com sede d'afeto estuava!

.....

"É costume, ao nosso hóspede,
No lar,
Não só rede como víveres
Guardar.

E também a bela incole¹
Lhe dar
Para ele um seio cândido
Gozar.

É do rito, assim ordena-nos
Tupã,
Cumpre o rito a taba impávida
Louçã.

A Tapuia deve lânguida
Cuidar
Toda noite em nosso hóspede
No lar.

¹ No original "incole". Acreditamos referir-se à "íncola": moradora.

E na rede mil carícias
Terá.
Qual ygára a noite rápida
Fará.

Qual juruti solte cânticos
De amor,
E transpire o grato eflúvio
Da flor.

Como orvalho tenha rutilo
O ardor
Dos olhos; ao riso sintá-se
Candor.

É dever, por isso cumpra-se,
Assim,
Sem afeição isso faça-se
Alfim.

É do rito — assim ordena-nos
Tupã —,
Cumpre o rito a taba impávida,
Louçã.

.....

"Agora o que é feito da ygára maneira?
Não corre, parou!
Um branco por vê-la nas águas ligeira,
Seu leme quebrou!

Agora o que é feito da rola ditosa?
Seu canto mudou!



Um branco escutando-a na selva viçosa,
Sua alma magoou!

Agora o que é feito da flor graciosa?
Perfumes não dá!

Um branco aspirando a fragrância mimosa,
Roubou-a, ó Tupã!

Agora o que é feito do orvalho brilhante?
No prado secou!

Um branco mirando seu brilho — de instante
Sem pena o tornou!

Agora o que é feito da virgem formosa?..
Lá sofre a chorar!

Um branco gozando seu colo de rosa,
Deixou-a a penar!

.....

"Tupã! Ó, cabocla, por que adoraste
O branco estrangeiro no curto agasalho?
Amaste-o, que sorte!

Qual rola que geme, pousada num galho,
Assim com a ygára sem remo, sem norte,
Qual gota de orvalho sem brilho e frescura,
Qual tenra florinha sem grato perfume,
Tu gemes, sem rumo, sem brilho e ventura!



Que sorte, que vida,
 Que dor!
 Se ao branco consagras
 Amor!

E as juras sagradas ao esposo guerreiro,
 De tanto vigor?...
 Não o amas? Perjuras? A vida deslembras?
 É ele o senhor!

Que sorte, que vida,
 Que dor,
 Se ao branco consagras
 Amor!

V

Calou-se o terno vate das florestas,
 Cuja vida é trovar;
 E no doce *memby* saudosos cantos
 Começa a modular.

Terminara seu carme revelando
 Segredos duma dor,
 A lenda da cabocla desditosa,
 Que definha de amor!

E seus cantos tristonhos, lá da taba
 Ninguém soube entender,
 Senão aquela que seus males ouve
 No canoro dizer.

E fora tudo assim como cantara
 O silvestre cantor;

Que fora tudo assim os prados sabem,
E dos campos a flor.

Porangaba infeliz, aos quinze anos,
Quando a infância deixou,
Quando a mãe carinhosa em torno aos olhos
O segredo estampou;

À sombra de seu lar sentira o peito
Noutro peito bater,
E o seu rosto de virgem noutro rosto
Qual nunca enrubescer!

Era o rosto, era o peito d'um estranho,
Qu'hospedagem pediu...
Fora ela a escolhida... como sempre
O rito se cumpriu.

Entretanto ela estava ainda pura,
Como a voz do *memby*,
Nunca um beijo sentira, qual nos ramos
O grato *amorecy*!

Pura estava qual brisa matutina,
Que passa a suspirar;
Pura estava qual linfa prateada,
Que vai a murmurar.

Tão pura como o canto da graúna,
De tarde a gorjear;
Tão pura como a nuvem cor de neve,
Que passa a prantear.

E assim tão pura, nessa idade leda
De cisma e desejar,
Ai, não pudera dum fatal afeto
A sua alma isentar.

Amou e muito — com delírio e fogo,
Com extremoso ardor;
Amou, ai, como só amar se pode
No primeiro amor.

Amou ardente ao estrangeiro ignoto,
Que devisara então;
Deu-lhe agasalho — miseranda sorte!
No virgem coração.

E o Luso branco reparara amante
Na cabocla gentil?
Acaso amou-a... suspirou acaso
Com afeto febril?...

Talvez! Quem sabe? Porém vinda a aurora
Da taba se ausentou,
E em busca d'ouro lá se foi o ingrato,
Nem esp'rança deixou!

E um inverno s'esvai, — vem outro e outro,
Porangaba a esperar;
Depois — coitada — já perdida a esperança,
Passa a vida a chorar.



E a tribo inteira em porfiada luta
Aos inimigos venceu,
E dos guerreiros Pirauhá famoso
Qual fera se bateu.

Por isso a tribo, que recompensa aquele
Que mais golpes vibrou,
Ufana, alegre, Porangaba oferta-lhe,
Sua mão lhe doou.

E rompe a festa, e o consórcio é feito
Como manda Tupã,
E Porangaba, como que sem alma.
É do bravo a cunhã.

Depois cumprindo duma esposa os usos,
Habita um outro lar,
Junto ao seu noivo como estátua móvel,
Em saudoso cismar.

Eis o arcano que revelou cantando
Da selva o trovador;
Ai, triste arcano... ainda o *memby* o chora
Soprado com langor.

Ai, triste arcano, que acabrunha e mata
A cabocla infeliz;
Cruel afeto, de que a chaga nunca
Se torna cicatriz.



VI

E o sol pouco a pouco no rubro horizonte
Por entre castelos de nuvens fugia,
E as aves o pouso buscavam nos ramos,
E ao longe nas praias a vaga gemia.

Então assentada num grosso madeiro,
Não longe do lago, na balsa sombria,
A bela cabocla cismava saudosa,
Qual cisma a criança que há pouco sorria.

Seus olhos brilhantes, dormentes agora,
Nas águas se fitam com doce torpor;
Na mão delicada seu rosto sustenta,
Os pomos do colo pululam de amor.

De muitas pedrinhas, sementes e conchas,
No seio refulge formoso colar,
Os mimos por certo de jovens amantes,
Trazidos das matas, dos rios e mar.

Assim meditava; e as auras travessas
Nos longos cabelos passavam-lhe então,
Às vezes fagueiras de leve tocando,
Nas penas vermelhas do lindo fraldão.

E o sol pouco a pouco no rubro horizonte
Por entre castelos de nuvens fugia,
E as aves o pouso buscavam nos ramos,
E ao longe nas praias a vaga gemia.

Ao perto, no campo, qual bando de pombas
Que vemos nos prados, ingênuas e belas,
Da tribo distinta por feitos briosos
As choças estavam juntinhas, singelas.

E ela, a cabocla, nos sonhos imersa,
Sozinha pensando — que longo pensar!
Imóvel, sem fala; que vida ela tinha
Apenas mostrava do peito o arfar.

Ai, triste cismando... direis se a visses,
Da terna saudade uma imagem mimosa,
Ou virgem do sonho de bardo inspirado,
Miragem dos ermos — visão vaporosa.

Ou fraca florinha que pende e desmaia,
Após os ardores do sol no verão;
Ou lá nas montanhas, da lua nascente
Um raio perdido de frouxo clarão...

Ou nota dorida do canto de morte
Do bardo volátil, que geme, qu'expira;
Ou quebro que solta o *memby* nas devesas,
Ou nênia que chora nas cordas da lira.

E o sol pouco a pouco no rubro horizonte
Por entre castelos de nuvens fugia.
E as aves o pouso buscavam nos ramos,
E ao longe nas praias a vaga gemia.

Que pensas, cabocla? Não lembras? Não sabes
Que o esposo te espera nas sombras do lar,
Com sede dos mimos da esposa querida,
A paga dum feito, dum forte lutar?

Contudo t'esqueces, na cisma t'imerges,
Qual n'água a marreca da seta medrosa;
Estranha és a terra, não lembras o tempo,
Não lembras o esposo, cabocla formosa!

E sob o teu corpo que manto relvoso,
E sobre a cabeça que céu anilado,
E ante teus olhos que linda natura,
E nada contemplas cismando no prado?

Que cismas, que sofres, que longos suspiros!
Paixão criminosa não deves guardar!
Cativa avezinha do laço tremendo
Debalde t'esforças, — não podes voar!

E o sol pouco a pouco no rubro horizonte
Por entre castelos de nuvens fugia,
E as aves o pouso buscavam nos ramos,
E ao longe nas praias a vaga gemia.

VII

Eis que desperta da saudosa cisma,
Do vago sonho, do mimoso enlevo,
Túrbido e grato,
E despertando, ela estremece toda,
Ai, como quando a zabelê devisa
Rápida flecha.

Contempla tudo o que se passa em torno,
Quem fora outrora destemida e forte,
Tímida agora...
E nada vendo que lhe incite o susto,

Esquece a fronte que de novo pende
Lânguida e triste.

Após instantes levantando o rosto,
Os meigos olhos vão mandando ao seio
Pérolas doces,
E qual medrosa dum ouvido infausto,
Baixinho canta – sua voz é terna...
Melíflu o canto.

É triste o canto! Sequiosas auras
Debalde tentam conduzi-lo ao vasto
Páramo agreste;
Se passa uma ave, para ouvi-lo para,
Temendo o eco não gozá-lo todo,
Escuta-o mudo.

É triste o canto! Da floresta os gênios,
Celestes manitôs, nele derramam
Mística essência;
É triste, é belo, mas a mágoa inspira,
Ouvi-o antes que nos lábios dela
Trépido expire.

VIII

"– Tupã! Eu cismava! Que cismas, ai, triste?
Acaso de afetos padece tua alma?...
Ó, filha das selvas, não ames, se queres
Na vida o remanso, nos sonhos a calma!

Não ames?... É tarde,
Tupã, meu senhor!
Minha alma suspira
Cativa de amor.

Tu amas? Não lembras as falas divinas,
Que fez-te o Piaga no seu maracá!
Então ele disse: — Não ames, se amares,
Que fado medonho t'espera, ó Tupã!

Oh, eu qu'isto ouvia,
Oh, eu qu'isto sei,
Ao branco donoso
Com fogo adorei.

Então ele disse: — Não ames, se amares,
Florinha de um dia na terra serás! —
E o sacro instrumento soluça nos ares;
Que toque medonho, que medo ele faz!

Oh, eu qu'isto ouvia,
Oh, eu qu'isto sei,
Sobr'haste na aurora
Mirrada serei.

Então ele disse: — Não viste gemendo
A rola na mata? Assim generás! —
E os olhos brilhavam do santo Piaga;
Que fogo divino, que fogo vivaz!

Oh, eu qu'isto ouvia,
Oh, eu qu'isto sei,
Qual rola ferida
Gemente serei.

Então ele disse: — Fiel tangapema
Girando desta arte não erra jamais! —
E lendo o futuro, cantava dançando
No meio da gruta com frases fatais.

Oh, eu qu'isto ouvia,
Oh, eu qu'isto sei,
A sina tremenda
Cumprida verei.

Então ele disse: — As aves, as fontes,
As matas, os frutos, as danças... não mais!
No meio das lutas, na ponta da flecha
A morte não viste? Assim morrerás! —

Oh, eu qu'isto ouvia,
Oh, eu qu'isto sei,
Adoro! Da morte
Em breve serei!

E ele dizia: — Não ames... se amares,
Que fado medonho t'espera, ó Tupã!
E o Piaga divino não mente... se fala
Cantando inspirado com seu maracá.

Oh, eu qu'isto ouvia,
Oh, eu qu'isto sei,
Só tenho saudades
Daquele qu'amei!"

.....



Um soluço e um gemido... Vem-lhe o canto...
O canto seu cortar;
Depois mudando o som, mudando a trova
Continua a cantar:

.....

"— Ai, chorando, morrer! Cumpra-se a sina,
Embora má;
Ó, mil vezes a morte que tal vida,
Grande Tupã!

Ó, mil vezes morrer! Minh'alma esvai-se,
Com tanto afã,
Qual nos desertos areiais se perdem
Cantos, ou pios que desprende tristes
Uma acauã.

Minh'alma esvai-se, pois não vejo aquele
Que me abraçou,
E que sem pena, como o tigre fero,
Ai, me deixou!

Como a jandaia, venturosa eu era
Leda a cantar
Por entre as brenhas, na floresta virgem;
E nas lagoas a risonha garça
Sempre a brincar.

Depois na taba, numa noite inteira,
Grata e fugaz,
O branco vejo, seu falar escuto
Terno e mendaz.

Dentro da rede a sua voz ouvindo
Em falas mil,
Eu sinto brasas que minha face queimam,
Qu'a mente inflamam, e meu sangue tornam
Todo febril.

O dia é vindo, raia o sol e o branco,
Ai, vai-se alfim;
Eu choro, eu gemo, pois não sei que sinto
Dentro de mim.

Como o veado que medroso corre,
Ele fugiu...
Debalde o espero de chorar cansada,
Por fim, ai triste, de meu peito a esp'rança
Se despediu!

Ingrato branco! Onde acharás mais febre
Num coração?
Mais doces mimos... dia e noite e sempre
Tanta afeição?...

E eu dizia, quando tinha esperança
De ainda o ver,
Voltando o branco terá pena ouvindo
A história amarga da saudade e pranto,
Do meu sofrer!

Em paga almejo as suas falas doces,
Qual doce oiti;
Em paga eu quero seus sorrisos doces,
Qual murici.

Em mim seus olhos, que se vovem como
Ondas do mar,
E que a cor possuem deste céu tão belo,
No fogo, os raios; e na luz, estrelas
A cintilar!

E ver-lhe as faces, que na cor imitam
Branco areial,
E os rubros frutos do espinhoso cardo
Que enfeita o val.

Sentir-lhe os lábios, cujo encanto e chamam
Noutros não há,
Ver-lhe os cabelos tão doirados como
Macia polpa que possui maduro
Fresco croá.

E muito amá-lo, e venturosa e terna
Tudo lhe dar...
Minh'alma ardente, ai, o meu corpo esbelto,
Riso e chorar.

Mas, oh, que sorte! Foi-se o branco ingrato,
Me desprezou;
E como o vento que ligeiro voa,
Ou como o tempo de infantis ledices
Não mais voltou!



Ingrato, ingrato, que infeliz tornou-me,
Chorosa assim...
Ingrato branco! que eu não possa odiar-te,
Triste de mim!

Ai, morre a paca que na selva encontra
A cascavel...
Ingrato, ingrato, eu sou igual à paca,
E à fera serpe o teu desprezo... eu morro,
Branco cruel!

Ai, chorando morrer! Cumpra-se a sina
Embora má;

Oh, mil vezes a morte que tal vida,
Grande Tupã!

.....

Termina o canto, recaindo logo
No seu cismar,
E logo o pranto pela face corre,
Ai, sem cessar.

IX

Desce o Sol brilhante, ardente,
No ocidente,
Sobe a Lua ao lado oposto,
Como noiva vingativa,
Que se esquiva...
Que ao amado esconde o rosto.



Vem a noite não escura
Na espessura,
Que o não quer a casta diva,
E sim bela, e sim saudosa,
Mist'riosa,
Para amores fugitiva.

Passa a Lua descuidosa,
Vagarosa,
No puro manto estrelado...
Suave como a donzela
Que singela
Resvala por sobre o prado.

Sua face algente e lisa
Se devisa
Na lagoa luzidia,
E na onda marulhosa,
Que ruidosa
Lá na praia então bramia.

Seus raios palidecidos,
Esquecidos,
Se perdem pelos palmares,
Quais visões doces, mimosas,
Enganosas,
Dos bardos nos seus sonhos.

Passa a brisa gemerosa,
Soluçosa,
Qual soluça o murmuré
Ao lago a face increspando,
Ciciando
Nas palmas do catolé.



A cigarra sobre a rama
Doce clama,
Núncia o tempo vernal;
Adejam aves noturnas
E soturnas
No caminho ou ervaçal.

E do dia os passarinhos
Nos seus ninhos;
Nos galhos a dormirar;
Debaixo d'asa escondida,
Aquecida,
A cabeça a repousar...

Vendo talvez nos seus sonhos
Os risonhos,
Áureos raios dessa aurora,
Que terá cantos divinos,
Gratos hinos,
Que modula a voz canora.

Que mistérios, que tristura...
A natura
Descansa com languidez;
O que vê-se em toda a varge
Nos esparge
Sobre o corpo a morbidez.

E talvez por isso cisma
E se abisma
Na saudade a Porangaba,
Sem lembrar-se do esposo,
Que cioso
Procurando-a, deixa a taba.



Nas moitas, no tabuleiros,
Nos oiteiros,
Ele a busca sem parar;
Da choça deixando-a perto,
Vai incerto,
Cuidadoso a suspirar.

Eis que soa um mesto canto...
Com espanto
Porangaba estremeceu;
Pirauhá, zeloso, oculto
Segue o vulto,
Cujo canto conheceu.

Porangaba estremecendo,
Rubescendo
Sente o fogo do cauim;
Se aproxima o seu esposo,
E o saudoso,
Que cantava triste assim.

X

"— Tão longe da pátria! Nas grandes florestas,
Em terras de encantos... me sinto finar!
Curtindo saudades dos lares queridos,
Que louco desejo me fez olvidar.

Oh, que saudade mortal!
Ai de mim, aventureiro...
Portugal!... Meu Portugal!...

Que noites já tive! Bem junto à lareira
Ouvia as legendas do pátrio lugar,
Mirando enlevado os sorrisos maternos,
Atento escutando do pai o falar.

Oh, que saudade mortal!
Terno pai e mãe querida...
Portugal!... Meu Portugal!...

E as tardes mimosas?... Corria eu contente
Com meus irmãozinhos no prado a brincar,
Nas margens fagueiras de nosso Mondego,
Ou sob os salgueiros num doce cismar.

Oh, que saudade mortal!
Minhas tardes tão suaves...
Portugal!... Meu Portugal!...

E as lindas auroras?... Por entre mil flores
Guiava a manada feliz a cantar,
Ou os bois do arado no meio dos campos,
Ai, todo prazeres... Sorrindo a lidar.

Oh, que saudade mortal!
Minhas auroras risonhas...
Portugal!... Meu Portugal!...

E os dias de festas?... Os sinos d'aldeia,
Qu'eu tanto gostava de ouvi-los tocar!
E as missas e cantos do nosso levita,
E os ledos cantares, do povo a dançar?...

Oh, que saudade mortal!
Minhas festas tão bonitas...
Portugal!... Meu Portugal!...

Ai, longe da pátria! Me fuge a esperança,
 Que em mim vigorava d'ainda voltar;
 Oh, Deus bondadoso! Quebrai-me este laço,
 Que prende minh'alma... livrai-me de amar!

Oh, que saudade mortal!
 Mas, qu'amor, que fogo e ânsias...
 Portugal!... Meu Portugal!..."

XI

— És tu?... És tu mesma?... Ó Deus,
 Vos agradeço a ventura!
 Porém, dize, não é sonho,
 És tu aquela que adoro?..."

"— Sou eu, que suspiro e choro
 Por quem de mim se esqueceu;
 A desgraçada rolinha
 A quem a serpe mordeu...
 Branco ingrato! Agora dize:
 Já conheces quem sou eu?..."

— Oh, sim; oh, sim: quem pudera
 Aquela noite esquecer?
 Mas, para que tais queixumes?...
 Não sabes meu padecer!

"— Por que fugiste, e a esperança
 Tu me fizeste perder?
 Branco ingrato, não ocultes...
 Que mal te fiz pra sofrer?
 Há tanto tempo! Três secas,
 Três invernos sem te ver!"

— Amor ainda eu não tinha
Quando ausentei-me de ti;
Pelas minas então cego
Tua beleza eu não vi;
Mas, depois... Oh, foi destino,
Amor saudosos senti!
Quis vencê-lo, foi de balde,
Muito lutei, eis-me aqui!

"— Tupã! que sorte! ai repete...
Tu me adoras?..."

— Que paixão!
Reinas dentro de minh'alma,
O teu trono é o coração;
Ontem foste meu tormento,
És hoje consolação!

— "Tens-me amor?... ó, sorte infausta!
Tens-me amor?... Triste de mim!
Ah, por que tarde voltaste,
Tão tarde falas assim?...
Bem me dizia o Piaga
Naquele canto... ai, que fim!"

— Não me culpes, antes ouve
O meu sincero dizer:
Era pobre em minha terra,
Na terra do meu nascer;
E ouvindo contar grandezas
Destas desertas devesas,
Destes campos d'aquém mar,
Ausentei-me trás do ouro,

E diamantino tesouro,
Procurando aqui chegar.
Eis que chego e deixo as vagas,
Lá do Recife nas Piagas
E me embrenho no sertão;
Perdido qual forasteiro,
Num caminhar tão fragueiro,
Ao teu lar hospitaleiro
Eu fui vindo e logo então...
Tu sabes o que passou-se!
Em busca do que me trouxe...

— "Ingrato... sem compaixão,
Tu me deixaste a gemer,
Logo que raiou a aurora
Sem um adeus me dizer!..."

— Deixei-te, sim! E sentindo
A saudade da afeição,
Lembrei a pátria e amigos,
Préa de grande aflição;
Quis esquecer-te... de balde!
De balde, meu bem, tentava,
Cada vez mais eu t'amava
Cada vez mais suspirava
Cada vez maior paixão!
E contudo eu prossegua
Trás do ouro qu'eu queria,
Com a esp'rança de inda ver-te
Enganando o coração!

— "E eu, amado, eu sem esp'rança,
D'inda ver-te, maldizia
Minha sorte..."

— Veio o dia
Do pranto amargo enxugar;
Eis-me aqui, és tu presente,
Eu te adoro firmemente:
Não sabes também amar?...

— "Se sei amar-te? Oh, pergunta
À juriti qu'inda chora,
Se sabe amar ao esposo
Que fugiu, rompendo a aurora;
Pergunta à flor da ribeira
Se preza a brisa fagueira
Que deixou-a e foi-se embora;
Pergunta à relva se adora
Fresco orvalho que a vigora...
Se sei amar... Saber queres?...
Pousa a mão sobre meu peito,
Dorido por teu respeito,
E vem meu rosto mirar!
Depois aos sulcos da tez,
E da frente à palidez,
Pergunta se sei amar!"

— Pois bem, agora firmemos
Nosso amor com doce beijo;
Vem, querida... Mas, tu foges?
De teu amado tens pejo?
Tu me foges?... Me desprezas?...
Mas eu pergunto o que vejo!

— "Bem me dizia o Piaga
Ao toque do maracá: —
Não ames... se tu amares,
Ó, que destino, ó, Tupã!

— Vem... ai, vem, e não me fujas
Com tamanho desamor!

— "Não sou livre, deu-me a tribo
Medonho esposo e senhor;
Hoje sou igual à paca
No laço do caçador.

— Tens esposo? Deu-t'o a tribo?
Foste obrigada? Oh, que horror!
Mas, tua alma não lhe deste,
Pois tu és o meu amor;
Paga o meu afeto ardente,
Vem ao meu seio fervente;
Rompe o laço teu cruel!
Deslembra a quem não te ama,
Só me escuta! Ai, que te chama
Teu bem amado e fiel!...

— "Bem me dizia o Piaga...
Mas, qu'importa?... Cumpro o fado!
O que pesa a morte, quando
É meu viver contristado?...
Sem ele a vida eu não quero...
Eis me aqui... vem, meu amado!"

.....
.....

Beijos ardentes se escutam
Com suspiros estuantes,
Doces amplexos por certo
Ora ligam dois amantes;
Depois... a lua mimosa,
Qual donzela vergonhosa,
S'esconde em nuvem negraida...
Depois... estuosos ofegos...
Depois... mistérios da vida!

XII

— Alarma! Alarma! Cavo acento horrível,
Medonho, estruge pela selva umbrosa,
E em frente o grupo do brutal deleite
Sombra hedionda lá surgiu raivosa;
É Pirauhá, o destemido, o forte,
Agora flecha que conduz a morte!

É Pirauhá! Entre os dois se arroja,
Rijo tacape a voltear tremendo;
Medrosa grita a Porangaba infida,
E cai por terra como morta sendo;
Enquanto o Luso, pela raiva ardente,
Bravo se mostra nessa luta ingente.

Brigar tão fero e tanta força e raiva
Os prados nunca presenciado haviam...
Só junto à presa, que para um só chega,
Batem-se tigres como se batiam!
Ambos rugindo, qual trovão ao perto,
Ambos par'ciam anhangás por certo.

E era o índio feroz! Qu'aspecto horrendo!...
O cenho carregado, igual nos mares
Na tempestade o céu!... Ágil na luta
Salta fazendo os infernais esgares;
Na força — é onça que defende a prole,
Na raiva — é serpe quando o filho engole!

Qual pirilampos pela selva escura,
São os seus olhos a brilhar sangrentos;
Os férreos braços são dois fortes galhos
Quando se movem ao furor dos ventos;
Treme-lhe o seio como o ipê frondoso
Se o fero vendaval sopra raivoso!

O sangue para-lhe pelas grossas veias,
Iguais tornando-as aos cipós-d'escada;
E suas faces, qual o coité já seco,
Ficam amarelas... duma cor tostada;
A boca espuma-lhe ao bater dos dentes,
Como os queixadas quando estão frementes.

Assim lutava, s'arremeçando afouto
Sobre o contrário que lutar sabia...
Qual furacão, com um vigor incrível,
Que o pó levanta que escurece o dia;
Ambos guerreiros, porém mais que o Luso
Parece o índio no brigar confuso.

Cunhãs, mancebos, curumins e velhos,
Que ouvido tinham o retumbante brado,
Em torno e quedos, ignorando a causa,
Pasmos fitavam o sangrento quadro!
Sem fala como os manitôs da taba,
Que o mal arredam duma tejubaba.

Oh, quadro horrível! Espectadores mudos
Em roda e imóveis... como em roda viam-se
As verdes moitas... e bem no centro ambos,
Os dois guerreiros que matar queriam-se!
À luz da lua... que inaudita cena
Para a natura desta terra amena!

Eis sobe rápido o punhal do Luso,
Cintila e desce no ferir afeito...
Porém debalde! pois desceu com ele
Índio tacape do pau-d'arco feito...
Um corpo tomba, — s'estorcendo exangue...
E fero o imigo vê correr-lhe o sangue!

É morto o Luso! E o vitorioso índio
De força exausto, mas de raiva cheio
Contempla a vítima de sua arma infausta,
Contempla aquele qu'angustiá-lo veio,
Não ter sentido a divinal pujança
De dar-lhe a vida pra maior vingança!

Depois, ainda com sanhudo porte,
Cruzando os braços sobre o peito irado,
Já tristes olhos para a turba volve,
E diz: — Amigos, vede aqui meu fado!
Morto o Emboaba qu'enegreceu-me a vida,
E viva a adúlt'ra, junto a si caída!—

A turba pasma, pois o caso é raro,
 É muito rara tal ação, oh, quando
 Morte afrontosa seu castigo é sempre;
 Por isso vede-a responder bradando:
 — A lei se cumpra! Tenha a infame a morte!
 — Tupã ordena! Morra a vil consorte!—

XIII

Para a fera execução da lei selvagem
 Eis prepara-se tudo;
 Acendem-se as fogueiras junto ao lago,
 É chegando a Piaga e mais que nunca
 É grave, é carrancudo.

Preparam-se os guerreiro, afiando
 As setas já ferinas,
 Sorriem-se os curumins da novidade,
 E as cunhãs quase todas murmurosas
 Com visagens malinas.

— "Que não falte a menor solenidade
 Da lei ao cumprimento;
 Diz pausado o Pajé: — Tupã ordena,
 Ele preza a doce paz entre os esposos,
 E não o aviltamento!"—

E tudo se prepara. Ao grosso tronco
 De velho cajueiro,
 A esposa criminosa eis amarrada.
 Com fina mussuruna; — assim medita
 Em seu viver fragueiro!



Sem adornos está, — é condenada
A morrer como vil;
O prisioneiro se enfeita, é morte honrosa;
E as injúrias responde: — Eu fiz o mesmo
Matando a mais de mil! —

Mas não a torpe ré — é morte infame,
Qu'ela tem de sofrer;
Ninguém lhe inveja a sorte miseranda;
É grande o crime seu, não há defesa
Que lhe possa valer!

Oh, que mesto destino!... Porém ela
Não mostra padecer!
Parece num delíquio... era tranquila
Mirando aquelas flechas que ao seu corpo
Vão em breve romper!

Que lh'importa a existência? É morto o branco;
A quem teve afeição;
É-lhe a vida um desterro, após a morte
Ela espera encontrá-lo além das serras,
Dos gozos na mansão!

Já tudo preparou-se. Ergue-se o Piaga,
Ministro de Tupã;
E começa o tripúdio em torno à misera,
Guerreiros e mulheres... todos cantam
Aos sons do maracá.

Enquanto a pobre mãe da malfadada
Pelos selvas pranteia,
E geme o Pirauhá!... O desditoso
Amava-a com ardor... Por isso chora,
Por isso devaneia!

Não pode um coração, ferido embora
 Por aquela qu'amou,
 Seus males não sentir... embora a ingrata
 O tenha escarnecido... todos choram,
 Como o índio chorou!

XIV

Tocando o maracá, canta o Piaga
 Com a voz pavorosa e compassada:

"Aos santos manitôs de nossa taba
 Desprezaste pra ouvir aos curupiras,
 Ó, traidora cunhã, ó Porangaba!...

Recebe pois a morte! As setas diras
 Agora de Tupã são mensageiras,
 Luzentes ao luar qual pacaviras."

E ao Piaga divino, num só coro,
 Em contínuo dançar, responde à turba:

"Voou incauta e perdeu-se
 Neste lago a pacapára;
 Assim tu, ó vil cunhã
Imena momoxicára!"

Aqui de Camocim aguda flecha
 Vara o corpo da infliz! Prossegue o ato:

"Se à branca junduhi agasalhado
 Deu acaso a folhinha duma ateira,
 O seu galho a rejeita... assim teu fado!

Terno pai já não tens, nem mãe fagueira,
Nem esposo também, todos te odeiam:
A tribo te rejeita... és traiçoeira!"

E ao Piaga divino, num só coro,
Em contínuo dançar, responde à turba:

"Correste para o delito,
Qual ao antro a leve ygára,
Em paga morre, ó cunhã
Imena momoxicára!"

Japi e Jacaré setas enviam
Ao corpo da infeliz! Prossegue o ato:

"O maldito anhangá mora em teu peito,
Curupira mendaz em teus ouvidos;
Por isso cometeste indino feito!

Da taba aos mamitôs, por nós queridos,
Não peças proteção... cunhã maldita,
Serás o pasto d'urubus negridos!"

E ao Piaga divino, num só coro,
Em contínuo dançar, responde à turba:

"Morre agora, de nós foge
Tão ligeira como a arara;
Teu bafo empesta, ó cunhã
Imena momoxicára!"

De Pitú, Jatahira e um outro as flechas
Eis partem a zunir. Prossegue o ato:

"Ao esposo teu famoso dás tormentos,
Em paga d'afeição o desonraste...
Oh, tenhas d'hangá tratos cruentos!

Vai nefaria consorte, que causaste
Um escând'lo entre nós... vai para as trevas
Com o sórdido Emboaba a quem amaste!"

E ao Piaga divino, num só coro,
Em contínuo dançar responde à turba:

"Tupã ordena do Ybak,
Ocultando a sua cara,
Morte afrontosa à cunhã
Imena momoxicára!"

Uma flecha mais voa e logo um'outra
Enquanto soa o pavoroso canto,
E enquanto dura o infernal tripúdio!

Ai, entretanto

A imbele delinquente — em triste pranto —
No começo da dança desprendera
Sua alma toda amor! Talvez ouvindo
O bardo Gaturamo gemebundo,
Que nas selvas qual louco divagava,
A sua infausta lenda repetindo:

.....

"Agora o que é feito da virgem formosa?
Lá morre a chorar!
Amou sendo esposa... Cruel go'taçára
A veio matar!





"Que sorte! que vida!
Que dor!
Que morte! por causa
De amor!

XV

E desde o dia desta cena horrente
No lago o nome da infeliz ficou;
E alta noite, quando geme o vento,
Em sua margem mais ninguém passou.

Que a flor derrama na folhage' o pranto,
E logo esparge seu mais puro odor,
A linfa acorda, no seu leito treme,
Soluça a brisa qual soluça a dor.

E alva imagem de cabelos soltos
Suspira e chora, vem depois cantar
Sentida trova que repete o eco,
Qual um gemido de cruel penar.

E findo o canto des'parece a imagem,
Talvez na selva a suspirar s'esvai;
Soluça a brisa na tremente linfa,
Da flor o pranto sobre a folha cai.

Quem é? Mistério! Não procura a taba
Sabê-lo à noite no mortal pavor...
Silêncio, bardo... emudecendo a lira,
A lenda finda do fatal amor.



Vocabulário Americano

Acauã (Acauan) - ave agoureira.

Aignan e Anhangá - Gênio do mal ou chefe dos demônios, o qual muito terror infundia nos índios. Um notável escritor, que entre os índios viveu algum tempo, os pinta atormentados por esse espírito maligno. — *Mair* lhe disse um na sua harmoniosa linguagem, *aton assap acequeiey aygnan atoupané!* — Francês, eu temo o espírito mau, mais do que tudo. — Ao que ele respondeu-lhe: *Nacequeiey aygnan* — E eu não.

Anum - ave agoureira.

Aioára - mãe-d'água, sereia dos rios. Na *Revista Popular*, ano IV, pág. 351, encontra-se a lenda d'Aioára, elegantemente escrita por Bruno Seabra.

Arirana - ave de penas azuis.

Aréski - espírito da guerra.

Arasoya - veja-se fraldão.

Boré - Instrumento musical.

Caiçara - cerca de grandes troncos, que servia de trincheira.

Cauim - vinho feito de raiz da mandioca, ainda hoje usado pelo povo desta província. Outros vinhos usavam os índios: do ananás fabricavam o *nanauy*, do caju o *cajuy* e *mocororó*, da pacova o *pacoy*, do milho o *abaty*, etc.

Camará - planta.

Carahiba - Espírito maligno das selvas.

Cunhã - mulher.

Cunhã imena momoxicára - mulher adúltera.

Curumim - menino.

Curupira - Gênio das florestas, hediondo para alguns e benéfico segundo outros, cujas harmonias dão vida e encanto à solidão dos ermos.

Enduápe - *Veja fraldão.*

Emboaba - assim os índios denominaram aos portugueses, supõe-se que por causa das calças e por analogia aos pássaros desse nome, cujas pernas são cobertas de penas até embaixo.

Fraldão - Usavam de um fraldão de penas, que denominavam *arasoya* — quando pertencia à mulher —, e *enduape* — quando pertencia ao homem. Simão de Vasconcelos nas suas notícias curiosas, o descreve deste modo: — Pela cintura apertam uma larga zona. Desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo trágico, e de tão grande roda como é a de um ordinário chapéu de sol.

Gamela - tribo inimiga dos Timbiras.

Guará - ave vermelha.

Goataçára - viandante, peregrino.

Ibak - O paraíso. Veja-se a nota 20.

Inúbia - Instrumento musical.

Ipê - árvore, pau-d'arco.

Jaguar - onça.

Japecanga - Cipó espinhoso.

Junduhi - aranha pequena e branca. Mata a planta em que assenta a teia.

Mair - assim denominavam aos franceses.

Mamitô - uns como penates, diz G. Dias, que os índios da América veneravam. O seu desaparecimento augurava grandes calamidades às tribos de que eles houvessem desertado.

Manacá - planta.

Maracá - Tinha cada Piaga o seu maracá, que não passava de um cabaço cheio de pedrinhas, preso a um bordão, e adornado de multicores penas. Dele serviam-se para acompanhar seus monótonos cantos. Era esse instrumento o símbolo de sua dignidade, e por isso respeitado por todos. O mesmo que *mistério*.

Memby - instrumento igual à flauta.

Murmuré - instrumento musical.

Mussurana - corda feita de algodão ou embira, de que se serviam para amarrar os condenado à morte.

Nambú - avezinha.

Oca - habitação menor que a tejubaba.

Pajé e Piaga - era ao mesmo tempo o sacerdote, o adivinho e o médico dos índios. Como sacerdotes os Piagas exortavam os índios a cumprir os seus deveres, encaminhando-os à guerra, ou dissuadindo-os dela, e aconselhando-os a afeição às mulheres. Como adivinhos eram sempre consultados antes de qualquer empresa, cujo fim prognosticavam após grotescas cerimônias. E, como médicos conheciam muitas plantas medicinais que aplicavam aos doentes, obtendo muitas vezes bons resultados, que, como ainda hoje entre nós fazem os feiticeiros, atribuíam a um poder sobrenatural.

Piroga - batel

Pirauhá - árvore.

Pacapára - ave aquática.

Sacy - avezinha que os índios supunham mensageiras do céu. Veja-se a nota.

Sanhassú - avezinha.

Taba - aldeia dos índios, composta de choças que chamavam tejubabas ou ocas.

Tabajara - grande tribo da raça Tapuia que, segundo a tradição encontrada pelos portugueses, fora em tempos imemoriais habitadora do sul do Brasil, e dali expulsa para o norte pelos Tupis. Veja-se a nota.

Tacape - massa contundente feita de pau duríssimo, imitando as clavas dos cavaleiros antigos. Usavam-no nas guerras e nos sacrifícios.

Tacháua - chefe da tribo.

Tauary - grande cigarro dos Pajés.

Tejubaba - habitação dos índios, maior do que as outras chamadas ocas.

Tangapema - grande clava adornada, que servia no sacrifício do prisioneiro e nos sortilégios. No livro 2º da crônica da Companhia de Jesus, Simão de Vasconcelos a descreve.

Timbiras - tribo do Maranhão.

Tipoia - rede pequena.

Trocano - grande tambor usado na guerra.

Tupã ou Tupá - Deus, o ente todo poderoso. Conheceram, diz um HÁBIL escritor, que havia Deus, e ainda em certo modo a sua unidade, e se colige do nome que lhe deram, que é Tupã. A primeira palavra, *Tu*, é admiração; a segunda, *Pá*, é interrogação e corresponde ao vocábulo hebreu *nanhú*, *quid est hoc*, em singular. Ora, segundo os jesuítas, a ideia que os índios possuíam da divindade lhes vinha do conhecimento que lhes inspirava essa potência excelente, grandiosa, Tupá, voz nascida do pasmo e da admiração. A excelência espantosa lhes aparecia, mas no tupaberaba, essa luz do relâmpago, essa luz de

Tupã; falava-lhes, mas pelo tapacumunga, essa voz do trovão, essa voz de Tupã.

Upiára - espírito que habitava os ribeiros.

Zabelê - avezinha.

Ygára - canoa feita de um só toro de madeira, como as que ainda hoje são empregadas nos nossos rios.

N.E: Outras notas a respeito da história da índia Porangaba poderão ser consultadas no fac-símile *Lira Cearense* (1872), título agregado a esta Coleção.



Juvenal Galeno

(Consagração da intellectualidade cearense contemporanea,
no seu 83.º anniversario natalicio).



Juvenal Galeno e seu Verso de Pluma e Sabre

Eduardo Campos

para a Revista do Instituto do Ceará,
Juvenal Galeno da Costa e Silva (1836-1931)
– Crítica Literária, 1986, pág. 227-240.

Quando Juvenal Galeno se punha rapaz, bem nascido e melhor criado, Fortaleza era um burgo tranquilo, de casario batido de bons ares, cercado de sítios acolhedores, aonde iam passear os da cidade, a exibir “chapéus de montaria, ricamente enfeitados”, moda para senhoras e cavalheiros; deles, de mola, e mais ditos franceses, e do Chile, todos muito finos, e assim os de palha da Itália, além de bonés de velbutina, para meninos que acompanhavam os pais em suas caminhadas, por exemplo, ao Alagadiço Grande. É como nos sugerem os anúncios insertos n’*O Commercial* de 27 de agosto de 1857.

Descrevendo a Fortaleza da década de 60-69, Renato Braga, a documentar com irrepreensível seriedade a expedição da Comissão Científica de Exploração ao Ceará, conta que as gentes abastadas desses dias desconheciam entre nós pompa e luxo. “Haviam conseguido fortuna à custa de uma poupança semítica. O meio não comportava pródigos nem desdenhadores da parcimônia.”

Custa crer assim fosse. Ainda que resguardados de ostentação, não poderiam os fortalezenses deixar de comprar o

que de chique lhes ofertava Dezydério Antônio Miranda, cuja loja também se destacava, como a de Albano & Irmão, na venda de chapéus elegantes para montaria, luvas de qualidade superior, popelines de Paris, famosos chales de merinó, alpacas e lapins. Havia de um tudo, à farta, para requintar os cidadãos, desde os “cortes de coletes de cetim de Macau, bordados à agulha”, vendidos a 8\$000, até os tecidos pretos da moda, os chamados finos, principalmente “princesas”.

A se admitir como certa a arrecadação da Câmara Municipal de Fortaleza, para o quarto semestre de 1857, a edilidade recolhia 38\$400 de impostos sobre carros de luxo, o que é excelente indicador da quantidade de veículos existentes.

Fortaleza, assim, se para alguns era uma cidade bisonha, para não dizer atrasada, para outros como nós, mais otimistas, vencia estágio de apreciável desfrute social; tinha tudo para contentar o talento promissor de Juvenal Galeno que, voltando da província, trazia debaixo do braço o seu primeiro livro, *Prelúdios Poéticos*, e pelo menos um conto, ainda impregnado da atmosfera da Corte, publicado ao jornal *Commercial* de 2 de julho de 1857, de nossa cidade.

Tem-se, nessa primeira mostra de prosa ficcional do autor de *Lendas e Canções Populares*, episódio nitidamente romântico, muito a gosto da época, em que é contado o drama do burguês Leopoldo, frequentador de salões e teatros, e num destes flechados pelo Cupido, que o torna poeta, incontrolável apaixonado a firmar impressões no álbum de sua *Madonna*, “anjo que encanta e enebria com as harmonias de sua voz... com a magia de seus encantos”, — como está escrito.

E sucede noite, no conto, em que se dá bonito espetáculo no Teatro Lírico. A juventude dos 21 anos de Juvenal Galeno descreve-o assim:

"A enchente era completa. Ondas de luz e harmonia faziam os corações palpitem de emoção, e o entusiasmo brilhava nas faces dos espectadores, à exceção dos agiotas — dos homens sem coração — que buscam o Teatro para satisfazerem os caprichos de sua consorte, filhas, ou para esquecer *muita cousa*.

Há homens assim: tenho-os visto insensíveis ao escutarem as mais suaves harmonias de Bellini, e as mais ardentes inspirações de Verdi. Nunca me hei-de esquecer da gargalhada estúpida que um agiota soltou uma noite perto de mim, quando Margarida — *a Dama das Camélias* — morria junto do amante.

Dizia um meu colega que o homem que não gostava de música, de flores e moças formosas, era estúpido infalivelmente. Confesso ao leitor que sou da mesma opinião. Mas, como vos dizia, — a enchente era completa.

Lindas donzelas, braços torneados, olhares sedutores, colos alvos e aveludados, lábios encarnados, cabelos negros e lustrosos, colares e pulseiras de pérolas adornavam os camarotes e prendiam as vistas dos cavalheiros."

Agora falamos nós: terminada a encenação, a prima-dona recolhe-se a casa. E em seu salão, momentos depois, passa a receber seus amigos... e, como adivinham, o apaixonado Leopoldo, sob a ardência da paixão.

Transcorre cediço diálogo dos que amam sob os mil olhos julgadores da sociedade. Leopoldo deseja *Mademoiselle* à sua maneira de conquistador rico e caprichoso, querendo submeter a amante à união sigilosa. Mas ativa, ela repele:

"— Não, senhor Leopoldo; não consentiria eu nunca n'um casamento clandestino... não acarretaria sobre meu esposo as maldições de sua família... Oh, nunca!"

Um passo mais adiante, aditando considerações:

"— Escutai: o afeto que me despertaste n'álma é puro e extremoso, e assim não consentiria jamais torná-lo um instrumento de infortúnio para o homem a quem me consagro. Não semelhar-me-ei a *Macenilha*, que com o benéfico refrigério da sombra dá morte ao cansado caminheiro que a procura. Senhor, lembrai-vos que tendes uma família nobre a quem respondereis por vossos atos."

O momento melhor do conto está no desenvolvimento final, noite de café mundano. É aí que o texto corre rápido, sincopado, pondo à vista a criatividade do autor.

Há nesse final um ritmo de exposição que cresce e avança no tempo, qual estilo atual, moderno. Por isso agrada, não só pelas sugestões do que descreve como frequência carioca, noturna, mas pelas informações do cenário e suas circunstâncias.

Senão vejamos:

"O café do Francione está cheio de fregueses: trabalham as máquinas de sorvetes, e derretem-se nos copos com o calor excessivo; os criados correm, abalroam-se, e confessam ingenuamente que não podem servir a tantos cavalheiros ao mesmo tempo: —Esperem, meus senhores! é preciso paciência.

Já ali quebrou um criado, com a pressa, um copinho que levava para encher de sorvete: Francione franziu a testa e o mísero garçom empalideceu pensando no ajuste de contas.

Mais adiante caiu um sorvete do copo e vai-se derretendo no chão.

"Café para dous!", gritam como possessos dois mineiros batendo sobre a banca de mármore.

"Café? Com semelhante calor, meus senhores?"... diz um gordo e reformado coronel, que vizinho oferecia um copo de creme gelado.

“Uma ceia!” grita um estudante magro, e pálido, puxando por uma bolsa tísica e contando cuidadosamente uma pataca de cobre.

— Esperem, meus senhores! É preciso paciência! Que barulho fazem estes senhores com as colheres no pires!

"Garçom! Treze charutos de Havana", dizem dois mancebos que acabam de tomar sorvetes e leem o *Correio da Tarde*."

Retomamos a palavra: os dois jovens que conversam contam o desenlace amoroso de Leopoldo e da bela cantora de ópera. E revelam que o desventurado apaixonado, "completamente desfigurado", parte para a Madeira à busca de novos ares...

A influência do Rio de Janeiro, então capital do País, é decisiva nessa fase do prosador. Mas a sequência final do homem mais fiel em observar as coisas simples.

Já no Ceará, em contato com a paisagem nosso "*locus* conto, a que aludimos, anuncia o que será Juvenal Galeno, *amenu*", ele desvincula-se das narrações rebuscadas em que vige a preocupação pela afetação, pela erudição acadêmica, das quais é exemplo aquele *O Teatro e o Baile*, onde um mundo que não é nosso se intromete a todo instante: ideias e citações francesas, italianas; colos de cisne, olhos de Andaluza; referências esnobes, cavalheiro amado por *paladim* e amado por *donosa dama*.

Mas Juvenal Galeno ainda nos daria agradáveis momentos de prosa, então mais afeiçoados ao nosso ecúmeno e despojados da influência civilizatória do Rio de Janeiro, do tempo em que ali viveu após concluir o Curso de Humanidades entre nós. De exemplo o tão nosso “Dia de Feira”, página inserta

antes no seu *Cenas Populares*, e, posteriormente, a melhor dizer, mais recentemente incluída no volume *Pacatuba – Antologia do Centenário*, edição de 1969, Imprensa Oficial.

Nele reencontramos o mesmo estilo que, no diálogo, na descrição de ambientes, se entremostrara naquele conto publicado n' *O Commercial*, como se observará a seguir:

"E o povo entra, sai, compra, vende, conversa, ri-se, questiona, abraça-se e por entre esses rumores a nota soluçosa e gemebunda da cantiga e rabeca do cego mendigante; e os brados dos vendedores:

– Laranjas doces! Quem me compra estas laranjas?

– À pataca... à pataca... farinha alva e torrada!

– Chega, gente, que o fumo bom está se acabando!

– Carne gorda!... estou queimando; estou entregando por todo preço!

– Mangabas... mangabinhas e muricis das praias!",
etc., etc.

O poeta, no entanto, vai prevalecer. A 13 de novembro de 1864, por ocasião do inesperado falecimento do líder político, major Leandro Custódio de Oliveira Castro Jucá, abatido pela febre amarela, Juvenal Galeno dedica à sua memória a "poesia americana", "Jucá", desse modo qualificada. É página indianista, já se vê, em tom da moda, com mensagem trágica e pungente que começa assim:

Luto e tristeza, consternação e mágoa,

Agros gemidos pela dor coados

Na taba d' Inhamuns!

No corpo do poema o poeta contrasta os momentos vividos pela tribo: uns, de alegria, à comemoração das vitórias de Jucá; outros, os que se sucedem à decepcionante informação de que o grande chefe não mais pertence ao nosso mundo.

Vale reproduzir o final do Canto VI, e, em seguida, totalmente o VII e trecho do VIII, como os fomos recolher às páginas do *Cearense* de 25 de novembro de 1864:

Oh, folgai, folgai d’Inhamuns, guerreiros!
 Folgai contentes! Que *Tupan* conserve
 Nas vossas glórias, o tribuno ilustre!
 É justa a causa, qu’ão prazer convida:
 Tangei, Piagas, o maracá depressa!
 Borés estrujam, murmurés, inúbias;
 Fervem nas taças, de sapucaís feitas,
 Cauins ardentes! Que se anime a dança!
 Oh filhos d’Inhamuns!

VII

Mas, eis que chega
 Um novo expresso! Porventura as novas
 de mais triunfos? Que bem vindas sejam!
 Que fale em breve... pois não vê que todos
 Ora as esperam... que as espera a festa?!
 Que fale o expresso... Mas que torvo aspecto
 O seu, agora! E que pranto aquele
 Que traz nos olhos!... Toda a tribo aflita
 Dele se acerca, mil perguntas faz-lhe...
 Té que’elle fala... ai, não fala, geme

Em curtas frases:

— “O maldito fogo,

"Que o sangue abrasa... lá na grande taba..."

"Agora reina...e Jucá..."

— Dizei-nos...

Todos suplicam... que o tribuno ilustre,

E nossa glória... o guerreiro bravo...

É são... não sente d'esse fogo as lavas

Dentro das veias... Repeti... dizei-nos...

Que vive o chefe...

— Já não vive... é morto!"

VIII

Ai, dor tamanha! Tem acaso a inúbia
Sons que a revelem?! Miseranda taba!
Quais tuas culpas para penas tantas?
Que mal fizeste, que *Tupan* castiga
Tremendo, irado? Profanaste acinte
O chão dos mortos, ou negaste abrigo
Ao forasteiro que de força exausto
Com fome e sede, suplicava amparo?
Oh, não por certo! Mas que dor tamanha!
Quais tuas culpas para penas tantas?!"

Dessa mesma época são os deliciosos quartetos da poesia “Infância”, em que sobressai a maioria dos versos pelo toque de singeleza e saudosismo tão meridianoamente visíveis

na criatividade do autor de *Lendas e Canções Populares*. Chora o poeta, o outro Juvenal menino de novenas e batizados, folguedos e casamentos, de contos da Mãe-d'água e do gigante encantado; das festas de São João, dos bailados, do boi dançarino e mascarados; o de ser padre, padrinho e convidado; o dos brinquedos, ao tempo do *Tempo-será...*

Que amargura na caminhada do poeta para o passado!

Quanta beleza, quanta emoção flagrada nestes versos lidos ao *Cearense* (outubro de 1965). Vão figurar no seu segundo livro, mas o tema decide a preferência pelos dias já vividos...

Aqui estão os últimos quartetos:

Já não tremo de contente,
Quando passa a procissão,
Nem quando chega o domingo,
O Natal, ou São João.

Meu oratório perdeu-se,
Como os amigos de então;
Se estes vejo... que mudança!
Já não me conhecem... não!

E as meninas? São senhoras,
Que não se lembram de mim!
Estranho sou hoje a todos...
Tudo o mais perdi assim!

Apenas me restam n'alma
Saudades de minha infância,



Que findou depressa como
Da rosa finda a fragrância.

O poeta, por esses dias, sabe o que lhe dita o coração sensível. Seu segundo livro¹ está chegando ao público e deste modo anunciado aos jornais: *Lendas e Canções Populares*, de Juvenal Galeno. Acha-se no prelo esta obra e breve será publicada, formando um volume de mais de 300 páginas, em 4.º, nitidamente impresso. Recebem-se assinaturas na Tipografia de João Evangelista, nas livrarias de Joaquim José de Oliveira e Afio Bezerra de Menezes & Cia., preço do exemplar para os assinantes: 4\$000”.

O êxito de *Lendas e Canções Populares*, não o contamos aqui, que nosso objetivo é outro: revelar, como o fazemos, aspectos pouco conhecidos ou ainda não anotados desse inspirado das musas que nos legou um testemunho de amor ao Ceará e seu povo.

Mas a longevidade abençoada que prolongou os dias de Juvenal Galeno contribuiu para que retivéssemos dele a ideia pouco adequada à sua maneira de ser, de se impor. Teimamos tê-lo sério, intocável menestrel de barbas brancas, de imagem assim perpetuada para nós e os pósteros, quando na verdade não era menos ponderável o seu espírito jovem, sua disponibilidade verbal para contestar como cidadão os que se opunham à sua maneira alegre e sã de viver.

Em nossas pesquisas, repetidas vezes o contemplamos em seu natural, homem de vida comunitária, ligado ao povo, a lutar pela liderança religiosa da Confraria de Nossa Senhora da Conceição, de Pacatuba, de que foi juiz.

1 *Lendas e Canções...*, na verdade, é o quarto livro de Galeno, e não o segundo.

Naquela vila de pé de serra, Juvenal Galeno fez o seu mestrado para a vida. Ali viveu seus dramas e participou de quizilas naturais ao meio, qual aquela em que se envolveriam o próprio poeta, o capitão Afrânio Benevides e O Pe. Ignácio de Morais Navarro, tendo por palco a igreja matriz de Pacatuba.

A 5 de janeiro de 1867, por exemplo, estava marcada a eleição da mesa da irmandade. Mal começam os trabalhos na igreja, eis que surge o reverendo Navarro, a diligenciar a retirada da imagem do Senhor do altar-mor. Segue-o o capitão Benevides, estabonado, invectivar insultuosamente o presidente da mesa, Juvenal Galeno. E como se não bastasse, com a conveniência do padre, manda guardar as janelas para escravos e empregado, que o acompanhavam.

O padre Navarro é político astuto e ardoroso. Em vários momentos surge diante de Juvenal Galeno como sério obstáculo à sua liderança municipal. É o sacerdote que, de modo astucioso, mas sem reparar no perigo do ridículo a que se expunha, tenta processar o poeta em divertido e cômico “episódio da vaca”, de que nos ocuparemos à frente.

No dia 16 de julho desse mesmo ano, isto é, em 1857, o jornal *O Commercial* acolhe “o pedido” firmado por “Malagueta”, pseudônimo que esconde a identidade do autor de *Lendas e Canções*.

A matéria paga registra a “Carta I”, de Martim Malaqueta ao seu compadre João Gamela, sob a epígrafe: *Sermões*. “Há muito tempo o Navarro não me fala em pregar um sermãozinho. O homem depois que meteu-se com quartos na feira e que perdeu a demanda da vaca, esqueceu-se de cultivar o talento oratório. Pois é pena!

Eu pedi a Deus Apolo
Que me desse inspirações,
Para glosar com cadência
Do Navarro os bons sermões!

Perguntei um dia ao Pégaso
Se nas altas regiões
Não gritava a Fama altiva:
Do Navarro os bons sermões!

Certa noite meditando
Eu disse com meus botões:
Já não ouço — oh! que tristeza! —
Do Navarro os bons sermões!

Pacatubanos à frente!
Com a força dos pulmões,
Digam todos, todos gritem:
Do Navarro os bons sermões!

Esse incidente prossegue. Vai aos jornais da época, em várias ocasiões; dura anos. Em 1868, ao serem mudadas as imagens da igreja (então sob a guarda do Tenente Crisanto na sua residência), para a matriz, organiza-se a sociedade do lugar em desfile processional, e pela primeira vez, atendendo a uma sugestão de outro reverendo, padre Prat, o andor principal vai ser conduzindo por moças virgens, todas vestidas de branco, como inspira antigo costume europeu.

“Quê? Mulheres carregando o andor?! Não, não pode ser!”

Revoltado e inconformado, outra vez o Capitão Benevides quer opor-se à providência do presidente da irmandade, que, a despeito de tudo, continua sendo Juvenal Galeno.

O poeta é espetáculo à parte, esse dia! Reage altivamente. E, como conta o jornal *Pedro II*, do dia 1.º de fevereiro de 1868, “faz sair a procissão arrostando a valentia e os abusos da autoridade”.

Em tempo: o Capitão era subdelegado de Pacatuba.

São esses os bons momentos do outro Juvenal, aos 32 anos, religioso e herói popular — e não o contemplativo bardo que celebramos sob o culto de aprendizagem didática que escamoteia, desgraçadamente, o delicioso lado humano de sua vida. É o impetuoso alferes da Guarda Nacional a serviço dos humildes, do povo pobre de Pacatuba, e que torna ali o seu verso uma inesperada arma de defesa dos direitos humanos. Se houve quem lutasse com versos, esse lutador foi Juvenal Galeno! É como se revela ao longo de seus venturosos dias pacatubanos, cobrindo de ridículo os despreparados, as autoridades comprometidas que chegam a ponto de ordenar o auto de corpo de delito numa vaca.

Conheçamos o divertido teor dessa peça de inquérito:

“Aos três dias do mês de fevereiro do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta, nesta vila de Pacatuba, termo da cidade de Maranguape, comarca do Ceará, em a casa de residência do major Estevão José de Almeida, subdelegado de polícia, comigo escrivão, a de seu cargo abaixo nomeado, os peritos notificados, o professor Norberto Gonçalves Peixoto, Joaquim Inácio de Melo, na falta

de profissionais, ambos moradores nesta vila e as testemunhas o Capitão Antônio da Costa dos Anjos e o Tenente Joaquim Tavares da Silva Campos, este morador em Maranguape, e aquele na Guaiuba, o juiz deferiu aos peritos o julgamento aos Santos Evangelhos de bem e fielmente desempenharem sua missão, declarando com verdade que o que descobrirem e encontrarem, e o que em sua consciência entenderem; e encarregou-lhes que processem a exame em a vaca que se achava presente com um tiro na cabeça e que respondessem aos quesitos seguintes: 1.º — se há o ferimento ou ofensa física; 2.º — se é mortal; 3.º — qual o instrumento que o ocasionou; 4.º — se houve ou resultou mutilação ou destruição de algum membro ou órgão; 5.º — se pode haver ou resultar essa mutilação ou destruição; 6.º — se pode haver ou resultar inabilitação de algum membro ou órgão sem que fique ele destruído; 7.º — se pode resultar alguma deformidade, e qual que seja; 8.º — se o mal resultante do ferimento ou ofensa física produz grave incômodo de saúde; 9.º — se inabilita do serviço por mais de trinta dias; e finalmente qual o valor do dano causado. Em consequência passaram os peritos a fazer os exames e investigações ordenadas e as que julgaram necessárias; concluídas às quais declararam o seguinte: Que encontraram um ferimento no olho esquerdo da vaca do requerente do qual resultou ter ficado a vaca com olho furado. E além dos caroços de chumbo empregados na menina do olho, foram empregados mais seis ao redor do mesmo olho, pelo que acha-se as carnes ao redor do olho completamente inchadas, e que, portanto, respondem: Ao 1.º quesito. que sim; ao 2.º, que não; ao 3.º, arma de fogo; 4.º, que sim; ao 5.º está respondido pelo 4.º; 6.º fica também respondido pelo 4.º, ao 7.º, que resultou

a deformidade do olho que se acha completamente destruído; ao 8.º, que sim; e, finalmente, quanto ao valor do dano causado eles o arbitraram em quarenta mil réis; e são estas as declarações que em sua consciência e debaixo de juramento prestado deu-se por concluído o exame ordenado de tudo e se lavrou o presente auto, que vai por mim escrito e rubricado pelo juiz e assinado pelo mesmo perito e testemunhas, etc. etc.

Juvenal Galeno é parte desse inusitado episódio. E se ergue, juvenalíssimo, para satirizar, debitar e apontar as falhas dos que participam dele. E canta a desdita da vaca, com versos ofertados a “sensíveis corações”, acolhidos pelo *Cearense*, edição do dia 21 de julho de 1871:

Peitos de rola, corações sensíveis,
 Ai, vinde e consenti qu'um olho vosso
 Um olho ao menos, terno quanto escorra,
 Sobre os olhos d'uma vaca miseranda!
 Que chore o caso qual merece o caso,
 E o caso pede multidão de lágrimas!
 Oh sim, ouvi-me! — Nos verdosos prados
 Pastava a mísera... descuidosa vaca.
 Talvez cismando como cisma a lua
 Louca de amores pelos céus, ou como
 Certo cauíra em Pacatuba, quando
 Planeja um calo dos ilhéus na bolsa!
 Bem cedo ainda, no verdor dos anos,
 Amara a desgraçada, e logo incauta,
 Chorou, perdida... arremessada às mágoas!
 E assim debalde suplicou justiça!
 E teve a sorte da Guilhermina imbele,

Raposa e outras desventuradas virgens
Quando um perverso... um libertino velho,
Das leis em guarda, empoleirado abutre.

Tornando-as pasto d'infernais desejos,
Abandonou-as no fatal alcance!
Talvez tivesse por sedutor o mesmo
A triste vaca... ou certamente fora
Qual o devasso um debochado touro!...

Peitos de rola, compassivos olhos,
Chorai dez litros de sentidos prantos!

E, pois, cismava a miseranda vaca
Comendo as ervas da lavoura alheia...
E isto é um crime?... Ora qual! Não vemos
Ali manter-se com o pirão dos pobres,
E d'outrem a bolsa, o desumano Verres
Da Pacatuba, se infelizmente um dia
A férrea vara da polícia empunha?
Não come os réditos, impunemente, há muito,
Duma orfãzinha, cujos bem governa?
Não roi os cobres do bestial Medeiros,
Ai, como os lambe o caçador astuto
Não dá dentadas no cupim às vezes?
Não janta os mimos do servil orgulho?...
Se pois um crime cometia a vaca
Oh, quantos... quantos não pesam às costas
Rei de mentira, ó carga-torta infausto?...
E, oh, entretanto, da lavoura o dono

No fato enxerga capital delito!...
E agora um seixo e sem temor sacode-o...
E o seixo voa... esburacando os ares...
E mensageiro da cruel vingança,
Bateu chegando e por bater, lá fura
O olho... o olho da cismadora vaca.

Peito de rola, compassivas pálpebras
Chorai dez litros de sentidos prantos!

Ai, quantas dores, que sofrer, que angústias!
Quantos gemidos, desespero e mágoas!
Ai, triste vaca, que sombria sorte...
Que fada austera preparou desgraças
Em teu futuro?... Quem te vinga a afronta,
Punindo o crime de que foste alvo?
Ninguém, por certo, se não fora Estevão,
Egrégio Estevão, da Justiça o braço!
Pedes vingança, pois será vingada!...
Já sobe a espada justiceira e em breve
Segura descera sobre o cachaço
De quem a pedra arremessou-te irado
Qual n'outras eras, sobre a esposa adúltera,
O povo de Moisés... E dito e feito!
Chegando a vaca na presença augusta
Do exímio Estevão começou-se o feito...

Mestre Norberto comparece logo,
Apressadinho, seu rapé tomando...
Falta um perito... Joaquim Nácio serve



Em falta d'outro... E o tabelião do crime
Escreve, escreve como Estevão dita!
E foi escrito que sofrera a mísera
Um grave incômodo de saúde... é certo
E que ficava inabilitada... oh fado!
Por trinta dias de qualquer serviço!
E avaliado n'uns quarenta bodes
Da triste o olho... e vinte e dois bodinhos,
Já para as custas, que o escrivão do feito,
Mestre Norberto, Joaquim Nácio, Estevão
Se tanto apanham, bem merecem tanto!
E assim n'um ápice, por barato preço,
A luz foi feita da justiça... E enquanto
Mestre Norberto, alegrezinho, esperto,
A mão estende p'ra segurar os cobres...
Gemia a vaca, miseranda, a triste,
Sem um consolo! Desgraçada! Como
Viver podia e namorar nos campos
Cega de um olho! Que mancebo touro
Viria amores lh'ofertar berrando!?

E assim a vaca percorrendo aflita
Aí contemplava co'o derradeiro olho
O braço da justiça, a mão d'Estevão,
Que perto arruma seu quinhão das custas,
Os cabrestos, na gaveta exausta,
Cruenta sorte! Que porvir medonho
Restava à vaca? Corações dementes,
Eu vos dedico, de infortúnios tantos,
O auto ou termo! Umedecei-o, lendo
Com oito litros de sentidas lágrimas!

Causticante, inesperada e inteligente peça poética de quem com invejável talento e poder criador soube impor-se à consideração de seus concidadãos.

A peregrinação que fiz pelos jornais do século passado, do acervo da hemeroteca da Biblioteca Pública do Estado, ensejou o descobrimento desse Juvenal Galeno que lhes acabo de repassar, imaginoso e criativo, voluntarioso e mordaz, que ao longo de sua existência sempre demonstrou porque abdicou do exercício da prosa.

É que o seu verso era pluma e sabre ao mesmo tempo.





Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE
www.expressaografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO



20
anos